



DOSSIER

AND_Lab – Centro de Investigação Artística e Criatividade Científica

O AND_Lab | Centro de Investigação Artística e Criatividade Científica, com sede em Lisboa e direção de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio, posiciona-se enquanto plataforma de formação e pesquisa na interface entre criatividade, sustentabilidade, política e quotidiano.

Funcionando como lugar comum para a investigação colaborativa da convergência entre arte e ciência, teoria e prática, ética e estética, modos de existência e modos de criação, o AND_Lab opera no encontro entre duas inquietações transversais – como viver juntos? e como não ter uma ideia? – e entre dois modos de pensar-fazer – a Composição em Tempo Real e a Etnografia como Performance Situada.

Da contaminação recíproca entre estes dois sistemas de relação, emergiu o Modo Operativo AND (M.O_AND), simultaneamente uma filosofia habitada, uma ética do viver juntos, uma prática de com-posição e um modo de vida.

Enquanto pensação, o M.O_AND atravessa todas as atividades do AND_Lab, das dimensões estruturais à gestão do quotidiano; das práticas de investigação às práticas de partilha; dos modos de transmissão aos modos de convivência.

A aplicabilidade transversal do M.O_AND, aliada a um compromisso em praticar os conceitos, devolvendo-os ao uso de uma forma muito direta e no terreno, é o que imprime a este sistema o seu carácter ao mesmo tempo mais singular e mais amplo. Trabalhando com recursos vindos tanto da arte quanto da ciência – e não sobre eles – o AND_Lab contribui, de forma concreta, para o encontro

de modos de se viver juntos situados no plano da suficiência, da sustentabilidade e da reciprocidade entre diferenças. O conectivo “e” (and), que dá nome ao centro, sintetiza esta abordagem, baseada nem no saber (a lógica do “é”) nem no achar (a lógica do “ou”), mas no sabor e no encontrar (a lógica do “e”).

O AND_Lab oferece duas linhas programáticas: o Programa de Formação hANDling e o Programa de Investigação stANDing, no âmbito dos quais disponibiliza à comunidade variadas possibilidades de encontro e partilha de procedimentos: cursos e workshops de transmissão e aplicação do M.O_AND, residências de investigação assistida e círculos de colaboração abertos a investigadores associados, residentes e visitantes. Conta, ainda, com uma iniciativa tripartida dedicada a estimular, alimentar e promover uma conversação continuada em torno das questões da criatividade e da convivência sustentáveis: o evento semestral AND_Hap, a revista eletrônica AND_Mag e o centro de documentação e arquivo AND_Doc.

AND_Lab - Centre for Artistic Research and Scientific Creativity

The AND_Lab | Centre for Artistic Research and Scientific Creativity, directed by João Fiadeiro and Fernanda Eugénio, positions itself as a platform for education and research at the interface between creativity, sustainability, politics and daily life.

Working as a common place for collaborative research on the convergence between art and science, theory and practice, ethics and aesthetics, modes of existence and modes of creation, AND_Lab operates in the encounter between two transversal concerns – how to live together? and how not to have an idea? – and between two modes of thinking-doing – Real Time Composition and Ethnography as Situated Performance.

From the mutual contamination between these two systems of relation, the AND Game has emerged: at once an inhabited philosophy, an ethics of living together, a com-position practice, and a way of life.

As a thinking-action [“pensação”], the operating mode proposed by the AND Game crosses all AND_Lab activities, from their structural dimensions to the management of daily life; from research practices to sharing practices; from modes of transmission to modes of coexistence.

The transversal applicability of the AND Game, coupled with the commitment to practice concepts, bringing them back to use in a very direct and situated way, is what gives this operating mode its singular and at the same time broad character. Working with resources both from art and science – rather than about them – AND_Lab concretely contributes to the

encounter of modes of living together situated on the plane of sufficiency, sustainability, and reciprocity between differences. The connective “and” that gives the name to the centre embodies this approach, neither based on knowledge (the “is” logic) nor on finding (the “or” logic), but on flavour and encounter (the “and” logic).

AND_Lab offers two programmatic lines: the hANDling Training Programme and the stANDing Research Programme, which offer the community several possibilities of encounter and sharing procedures: courses and workshops of transmission and application of the AND Game, residencies of assisted research and collaboration circles open to associate researchers, residents and visitors. Furthermore, it comprises a tripartite initiative devoted to encourage, nurture and promote a continued conversation around the issues of sustainable creativity and coexistence: the biannual event AND_Hap, the electronic magazine AND_Mag and the documentation centre and archive AND_Doc.

Afecto, formulação e execução: a circunscrição do Modo Operativo AND

Reunimos nesta colectânea os textos que marcaram as diferentes fases de emergência do AND_Lab: do projecto (piloto) ao lugar (o centro de investigação). Com a sua publicação desejamos partilhar o percurso do encontro entre dois modos de pensar-fazer – a Composição em Tempo Real e a Etnografia como Performance Situada – e uma inquietação comum: “como viver juntos?”

A esta pergunta, já tão carregada com respostas mais ou menos prescritivas, mais ou menos prontas, mais ou menos resistentes – percebemos, vivendo juntos, que o desafio se tratava, justamente, de não responder. Vive-se juntos, afinal, enquanto não se sabe e não se responde – enquanto se consegue adiar o fim. Entre o dobrar e o desdobrar da pergunta, chegamos não a uma resposta mas a outra pergunta: “como não ter uma ideia?” Desta inquietação comum emergiu o pensar-fazer (ou a pensação) que aqui partilhamos: o Modo Operativo AND, simultaneamente uma filosofia habitada, uma ética do viver juntos, uma prática de composição e um modo de vida.

Em Setembro de 2011, após dois anos de colaboração informal e pontual (entre workshops e ateliers de investigação em Portugal e no Brasil) que serviram sobretudo para confirmar a existência de um “affecto” com força suficiente para darem seguimento às suas investigações em conjunto, João Fiadeiro e Fernanda Eugénio traduziram esse “desejo ardente” numa “vontade firme”¹ através da escrita do manifesto “Dos modos de re-existência: um outro mundo possível, a

secalharidade”, primeiro dos três textos aqui publicado.

Neste primeiro texto, as inquietações que moveriam o próximo ano da investigação eram então apresentadas em “estado bruto”, situadas num plano de “ultrapassamento”. Ou seja, em conversa-contraponto com os grandes esquemas e aparatos da modernidade e da pós-modernidade, que em muito nos ultrapassam, ao mesmo tempo que nos envolvem e implicam a todos na sua teia inescapável. A estes esquemas nodais endereçávamos a questão de uma brecha ainda a investigar: a secalharidade.

O segundo texto, “O encontro é uma ferida”, foi escrito em Junho de 2012 no fim da fase piloto do AND_Lab, e tem um carácter mais subtil. Apresenta as mesmas inquietações do manifesto, mas agora já como “formulação” precisa – situada não apenas nos grandes esquemas dos “modelos de mundo”, mas nos pequenos esquemas quotidianos de cada um. Adopta, ainda, uma “textura” mais literária, que não será alheia ao facto de ter sido desenhado para ser apresentado em público no quadro da conferência-performance “Secalharidade”, estreada na Culturgest no âmbito do Festival Alkantara daquele ano.

A forma aberta e transversal dos dois textos precedentes (o primeiro por falar sobre o infinitamente grande e segundo por falar sobre o infinitamente pequeno), dá lugar a uma aplicação sistemática num terceiro e último texto, escrito em Março de 2013, “O Jogo das Perguntas”. Este texto-tarefa, ou “texto-sistema”, dedica-se a transpor para a interface da

escrita e da leitura o passo-a-passo e a operacionalização concreta do sistema de funcionamento que investigamos – pergunta alternativa às respostas da modernidade e da pós-modernidade – e que poderia abrir caminho para o mundo possível da secalharidade. Escrito com “pragmatismo sensível”, este texto percorre “de perto em perto” todas as dimensões envolvidas na execução do Modo Operativo AND. Marca, ainda, a abertura oficial do AND_Lab como Centro de Investigação Artística e Criatividade Científica, com sede no Atelier|Real, em Lisboa.

Assim, se o Manifesto Re-existência de 2011 afirmou-se enquanto “projecto de intenções”, e o texto do Secalharidade de 2012 colocou o “dedo na ferida” da nossa inquietação – transformando as nossas intenções num corpo de inclinações, num “corpo do que nos ocupa”² – o texto-sistema de 2013, ao mesmo tempo que desenha um programa concreto de participação, retira (finalmente) o autor de cena, desloca o centro de gravidade do nosso projeto de um “I Am Here”³ para um “we are here” e afirma o AND_Lab enquanto plataforma de colaboração colectiva e contaminação recíproca.

Esta colectânea inclui ainda o pequeno texto “Modo Operativo AND em 10 posições”. Preparado para dar acesso sucinto ao funcionamento que investigamos, este texto sintetiza, em apenas uma página e em “10 posições” – antes paragens do que movimentos – o que está envolvido na activação e na manutenção dum “viver juntos” que se sustenta em perguntas e não em respostas.

1. “Um desejo ardente deve ser acompanhado de uma vontade firme”, 1995, espetáculo de João Fiadeiro estreado no ACARTE/Fundação Gulbenkian.

2. “Este corpo que me ocupa”, 2008, espetáculo de João Fiadeiro estreado no Teatro de Sintra.

3. “I am here”, 2003, espetáculo de João Fiadeiro estreado no Centre Georges Pompidou.

Affect, formulation and execution: circumscription of the Operative Mode AND

This anthology assembles the texts that marked the different stages of emergence of AND_Lab: from the (pilot) project to the place (the research centre). With its publication we wish to share the pathway of the encounter between two modes of thinking-doing – Real Time Composition and Ethnography as Situated Performance – and a common concern: “how to live together?”

To this question, already so loaded with more or less prescriptive answers, more or less ready, more or less resistant – we realise, living together, that the challenge was precisely not to answer. After all, we live together as long as we do not know and do not answer – as long as we can postpone the end. Between the folding and the unfolding of the question, we do not get to an answer but to another question: “how to not have an idea?” From this common concern a third thinking-doing has emerged, that we now share: the Operative Mode AND, both an inhabited philosophy, an ethics of living together, a practice of composition, and a way of life.

In September 2011, after two years of informal and timely collaboration (between workshops and research ateliers in Portugal and Brazil) that have primarily served to confirm the existence of an “affect” which was strong enough for them to continue their investigations together, Fernanda Eugénio and João Fiadeiro translated that “burning desire” into a “strong will”¹ by writing the manifesto “Modes of re-existence: another possible world, mayhapness”, the first of the three texts gathered in this anthology.

In that first text, the concerns that would steer the following year’s research were presented in a “raw state”, situated on a plane of “overcoming”. In other words, in counterpoint-discussion with the big schemes and devices of modernity and post modernity, which largely exceed us as they envelop and implicate us all in their inescapable web. To these nodal schemes we addressed the question of a breach yet to be investigated: mayhapness.

The second text, “An encounter is a wound”, was written in June 2012, at the end of the pilot phase of AND_Lab, and it conveys a subtler tone. It presents the same concerns as the manifesto, but in a more accurate “formulation” – not only situated in the big schemes of the “world models”, but in the everyday small schemes of everybody. It also adopts a more literary “texture”, that is not unrelated to the fact that it was designed to be presented in public, as part of the conference-performance “Mayhapness”, premiered in Culturgest, in the frame of the Alcantara Festival of the same year.

The open and transversal form of the two previous texts (the first because it deals with the infinitely large and the second because it deals with the infinitely small), gives way to a systematic application in a third and final text, written in March 2013, “The Question Game”. This task-text, or “system-text”, aims at transposing onto the interface of writing and reading the step-by-step and the concrete operationalization of the mode of functioning we investigate – an alternative question in relation to the answers of modernity and post modernity – that could

pave the way for the possible world of mayhapness. Written with a “sensitive pragmatism”, this text covers, “from close to close”, all the dimensions implied in the execution of the Operative Mode AND. It also marks the official opening of AND_Lab as a Centre for Artistic Research and Scientific Creativity.

So if the Re-existence Manifesto of 2011 was stated as “project intention”, while the Mayhapness text of 2012 puts a “finger on the wound” of our concern – transforming our intentions into a body of inclinations, a “body that concerns us”² – the system-text of 2013, while drawing a concrete programme of participation, (at last) withdraws the author from the picture, shifting the gravity centre of our project from “I Am Here”³ to “we are here”, and asserting AND_Lab as a platform for collective collaboration and reciprocal contamination.

This anthology also includes the short text “Operative Mode AND in 10 positions”. Made to give immediate access to the functioning mode we investigate, this text summarizes on only one page and in “10 positions” – stops, rather than movements – what is required to trigger and maintain a “living together” which relies on questions rather than on answers.

1. Reference to a choreographic piece by João Fiadeiro: “Um desejo ardente deve ser acompanhado de uma vontade firme” [“A burning desire has to be coupled with a strong will”], premiered in 1995 at ACARTE/Fundação Gulbenkian, in Lisbon.

2. Reference to “Este corpo que me ocupa” [“This body that concerns me”], a choreographic piece by João Fiadeiro, premiered in 2008 at Teatro de Sintra, Portugal.

3. Reference to “I am here”, a choreographic piece by João Fiadeiro, premiered in 2003 at Centre Georges Pompidou, Paris.

Dos modos de re-existência: Um outro mundo possível, a secalharidade

por João Fiadeiro y Fernanda Eugénio

Texto “manifesto” que sustenta e enquadra o projecto “AND_LAB” de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio a ser desenvolvido entre Setembro 2011 e Dezembro de 2012. Esta iniciativa funcionará também enquanto projecto piloto do Atelier Real para a implementação do “AND_LAB/ Anthropology n’ Dance Lab”, um laboratório para a investigação, aplicação e transmissão da Composição em Tempo Real em metálogo com a antropologia contemporânea.

1. O regime do “é”: a Modernidade e a existência como cisão entitória

Com frequência imaginamos a existência como algo que se desenrola dentro dos contornos que separam e permitem distinguir o eu do mundo e inauguram-na – ela própria, a existência – como mobilização infinita¹ empenhada na inesgotável tarefa de extrair o significado da “realidade”.

Este modo de operação – o do sujeito moderno em busca da explicação da realidade-objecto, ou o do sujeito-artista a “inventar realidade” para espectadores-objecto – está todo ele assente sobre um pressuposto entitório, segundo o qual a substância ou o ser (o “é” unívoco de cada coisa, dada por sujeito ou por objecto) antecede as relações e as determinam. O pressuposto de que a “realidade” é um objecto “de verdade”, com leis de funcionamento e sentidos intrínsecos, e o pressuposto de que nós próprios, seres humanos, também temos um motivo (ainda que oculto) para estarmos vivos nesta “realidade”.

Sem dúvida, este é um modo de existir. Mas miserável e resignado, pois esquece-se voluntariamente e à partida, em troca de uma sensação qualquer de segurança (“Há uma razão para tudo isto, tem que haver”), que esta é uma imagem de mundo, e toma-a pelo mundo em si. Fixa os termos em relação como cindidos e complementares – o sujeito e o objecto – e ocupa-se em reproduzi-los ad nauseum em séries de oposições binárias, mutuamente exclusivas e ao mesmo tempo perversamente simbióticas: a única forma concebível de relação é, então, aquela em que o outro fica a ser mais outro e o eu, mais eu, a cada vez em que se defrontam. Desenha-se a certeza da existência como cisão, não como relação.

Cisão entre sujeito e objecto, mas também entre verdade e ficção, forma e conteúdo, razão e emoção, pensamento e acção, corpo e mente, cientista e artista, artista e espectador, mestre e aprendiz, etc.

2. O regime do “ou”: a Pós-Modernidade e a resistência como cisão cambiante

Este regime de operação da existência, embora dominante no Ocidente moderno, nunca esteve em marcha sozinho: viu-se perturbado à partida com a concorrência disruptiva de um outro funcionamento. Pois com frequência resistimos a essa imagem do mundo e duvidamos (“Haverá mesmo uma razão para tudo isto? Não serão muitas as razões? Ou nenhuma?”).

Os contra-discursos que injectam alternâncias interpretativas sobre as explicações – estas que supostamente apenas traduzem ou descobrem o “é” de conteúdo apriorístico de todos os entes e coisas da partilha sensível moderna – se inauguram praticamente ao mesmo tempo do que ela. Apoiados no mesmo pressuposto entitório de que os termos da relação têm contornos que a antecedem, eles insurgem-se, entretanto, contra a hierarquização e o estancamento dos conteúdos “envelopados” por cada contorno: sugerem a possibilidade de alternância, sugerem a simetria dos termos ao tornar pensável a cambialidade dos seus conteúdos. Contra a prisão viciosa da complementaridade que embala em sono dogmático aquilo a que chamamos de Modernidade, imaginamos diversas vezes e em muitas esferas da própria Modernidade, um mundo no qual o “é” convicto foi pensado em termos de “ou” oscilante.

Amplio movimento que despontou aqui e ali, outrora e hoje, nas artes e nas ciências, discurso que conviveu com o “Planeta Logos” moderno desde a sua fundação, na condição de sua “Lua Romântica”, e se tornou visível com contundência (porque se nominou: a Pós-Modernidade) a partir de meados do século passado. Um mundo em que a existência é experimentada como “resistência”, que, no entanto, só faz proliferar os disciplinados binarismos “conteudistas” do regime moderno em um batalhão de certezas incertas. Proliferação de “Eus”, proliferação de “artistas”, resultante da pretensão de cancelar a relação hierárquica “sujeito versus objecto” através da proclamação

– e mesmo, às vezes, da ordenação mandatária – de sua simetria.

Julga-se assim superar a cisão “sujeito versus objecto”, não através da supressão da própria cisão, mas da deliberação de que esta separa, isso sim, “sujeitos versus sujeitos”. Há, então, tão somente uma troca dos elementos divididos pela cisão – ela própria, no entanto, é conservada. O objecto, o dado ou a realidade são aí suprimidos como certezas, substituídos pela interpretação e pela aleatoriedade cambiante dos conteúdos, pelo jogo com sentidos liberados, pelo igualitarismo também ad nauseum que se prolifera em ou, ou, ou.

Se no regime sensível moderno, a agência, a intencionalidade, a existência, são encerradas na lista de atributos exclusivos do sujeito, no regime do “ou” todo objecto ou ente é elevado à condição de agente identitário “igual”. Mas condenamo-nos, nesta partilha do sensível, à arbitrariedade de intencionalidades, que concedem na existência equiparável das demais apenas sob a condição inevitável de fazerem-se surdas umas às outras. “Tudo pode”, festejo triste da suposta morte dos binarismos e das hierarquias, assentado no entanto no binarismo inalterado que só enxerga as alternativas opostas da rigidez ou da “liberdade” espontaneísta e sem bússola dos mil pequenos tiranos que seriam cada um de nós – as pessoas “comuns” agora “autorizadas” a intervir cada qual com sua opinião, zelosamente sacralizada pelo relativismo reinante.

1. Sloterdijk, Peter. “La mobilisation infinie”, Paris: Christian Bourgeois Éditeurs, 2000.

Troca-se assim a rigidez de uma existência segura porém miserável pelo liberalismo da resistência, não menos miserável, do desejo de alternativas, que por fim não instaura outra coisa senão um generalizado “tanto faz”. Se no primeiro regime zela-se pela certeza das “condições iniciais” (a realidade que “já é” desde o princípio), no segundo zela-se por sua conspurcação em realidade qualquer. Algum ganho de mobilidade, de fato, na medida em que a explicação unívoca se fragmenta na polifonia da “diversidade” interpretativa das visões de mundo. Mas a brecha na representação não tarda em se suturar: a interpretação entra com ainda mais pressão no ralo da autoria que a explicação por ela criticada.

Essa existência “autônoma” e desgovernada é conquistada, nesse modo de vida, ao preço de perpetuar e mesmo agravar a lógica da cisão entitária. Se na complementaridade moderna alguma relação se pratica, ainda que simbiótica, birrenta em sua reiteração em loop do eu e do outro, do sujeito e do objecto, na imagem de mundo pós-moderna desenha-se a assepsia anti-relacional do relativismo. Um mundo de simetria generalizada, um mundo que é o nosso mundo, cada vez mais, nesses tempos de multiculturalismo e inclusão politicamente correctos.

3. O regime do “e, e, e...”: a des-cisão e a re-existência

Mas... e se imaginássemos um outro mundo possível? Um terceiro regime sensível, nem complementar nem simétrico? Um mundo em que existir não fosse reproduzir ou rebelar, e em que resistir não consistisse no cancelamento da relação? Um modo de vida em que a coisa toda não se resumisse à certeza ou à alternância, ao sonho com a concordância consensual ou à omissão indiferente? Um mundo no qual a diferença não fosse identitariamente congelada, como no regime moderno, mas tão pouco fosse cancelada na indiferença do “tudo pode” pós-moderno. Um mundo no qual a diferença pudesse se propagar em sua assimetria infinitesimal, sem ser oferecida em sacrifício para que haja encontro, e no qual tão pouco o encontro precisasse ser sacrificado para que houvesse simetria? Um mundo dissensual², em que o viver juntos fosse feito do cromatismo microscópico dos ritmos singulares? Fantasia de idiorritmia³, de comunidade, devir-minoritário⁴ que circula e circulou entre os dois outros regimes, activando-

se aqui e ali, na maior parte das vezes de modo fugaz, bacteriano e invisível. Fantasia de torná-lo habitação, de o visibilizar numa ética do suficiente (não do necessário, muito menos do compulsório) em relação à proclamação do Eu. Um mundo que se inaugura não a partir da cisão, mas do esforço por perpetuar a relação ou a “des-cisão” produzindo como plano comum de atuação o Acontecimento.

Eis uma terceira imagem do pensamento – e da acção, que neste caso não se opõem: a da reciprocidade. Uma terceira imagem não assentada no pressuposto da entidade, da espécie, do contorno prévio ao encontro, mas na qual arriscamos a experimentar com as gradações da relação, com a diferencialidade da diferença: e, e, e... Um modo de vida em que não temos de escolher entre a existência conformada ou a resistência dos libertarismos tiranos, onde temos de nos aplicar a um rigoroso (mas não rígido) trabalho de re-materialização⁵ de ambos os movimentos na operação da “des-cisão”: decisão de des-cindir, de prescindir do entitarismo, da certeza (ou da desesperada busca pela certeza perdida pós-moderna) de que “sou” como condição para o encontro. Re-existir a cada encontro, ser a consequência, e não a causa, da relação.

E isto porque nos parece que resistir, se não for re-existir, não atinge a relatividade: morre no relativismo. Não atinge a relação, morre na compulsorização da interatividade ou na trincheira da negação inconformista. Se o propósito positivo é a continuidade vital, então falemos antes em re-existência, em resiliência: a força flexível da fragilidade adaptativa, que reside na explicitação molecular e na aceitação re-inventiva, no lidar com “o que se tem” mais do que na insistência rígida da negação ou na desistência indiferente do consentimento.

Este é um problema que atravessa as práticas artísticas e a vida em comunidade. Accioná-lo e freqüentá-lo nos coloca para além de uma lógica sectorial a delimitar áreas de conhecimento e campos artísticos, e nos devolve a awareness ética e política de que fazemos nossos próprios factos e estes nos fazem em retorno⁶ – de maneira que podemos e devemos nos responsabilizar por nossos modos de viver juntos e nossos modos de criar mundo. Não há espectadores; não há artistas, somos todos (quer assumamos a responsabilidade ou não) artesãos do nosso próprio convívio.

4. Investigar um outro mundo possível: a emergência da secularidade

Será neste lugar-questão que se situará o presente projecto de investigação: nas afinidades entre os modos de “fazer problema” da antropologia contemporânea praticada por Fernanda Eugenio e das questões suscitadas pelo método de Composição em Tempo Real desenvolvido por João Fiadeiro.

O projecto (tal como acontece com este texto) adopta a forma do metálogo⁷ – do pensar-fazer do próprio através do pensar-fazer do outro, contaminação e re-invenção cruzada de problemas, questões e modos de funcionamento. O metálogo: deslocar para existir (eis o re-existir), empenho na manutenção-propagação da abertura e do dissenso; recusa à concordância desejavelmente conclusiva do diálogo. Uma investigação sobre a existência/resistência entendida e vivida como re-existência. Portanto, não como acto de “colocar-se contra”, mas como acto de “colocar-se com”. Daí a importância crucial de se alargar a compreensão do que seja uma composição: muito claramente, um “pôr-se com” o outro, a posição de cada agente dada pela relação com os demais, a posição consequente, a “com-posição”.

2. *Rancière, Jacques*. “O espectador emancipado”. Lisboa: Orfeu Negro, 2010; *Rancière, Jacques*. “A comunidade como dissentimento”. In: Dias, *Bruno Peixe & Neves, José (coord.)* “A política dos muitos”. Lisboa: Fundação EDP e Edições Tinta da China, 2010.
3. *Barthes, Roland*. “Como viver junto”. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
4. *Deleuze, Gilles e Guattari, Félix*. “Milles plateaux”. Paris: Minuit, 1980.
5. *Latour, Bruno*. Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory. UK: Oxford University Press, 2005; *Latour, Bruno*. “A cautious Prometheus? A few steps towards a philosophy of design (with a special attention to Peter Sloterdijk)”. Keynote lecture, Seminário Networks of Design. Cornwall, 2008.
6. *Latour, Bruno*. “Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches”. Bauru, SP: Edusc, 2002.
7. *Bateson, Gregory*. Steps to an ecology of mind. London/Chicago: The University of Chicago Press, 1972.

randomness of contents, by the play with liberated senses, by the once again ad nauseum equalitarianism that proliferates in the or, or, or.

While in the modern sensorial regime the action, intentionality, existence are enclosed in the list of attributes exclusive to the subject, in the regime of the “or” any object or entity is elevated to the condition of “equal” identitarian agent. But in this distribution of the sensorium we are doomed to the arbitrary of intentionalities that can only tolerate the equitable existence of the others on the unavoidable condition that they can do as if they were deaf to one another. “Anything goes”, a sad celebration of the supposed death of binarism and hierarchies, yet based on the unchanged binarism that can only see the opposed alternatives either of the rigidity or the compassless spontaneist “liberty” of the thousand little tyrants that each of us would be – the “common” people now “author-ised” to intervene, each with her own opinion, caringly sacralised by the prevailing relativism.

The rigidity of a safe though impoverished existence is thus replaced by the not less impoverished liberalism of resistance, of the desire for alternatives, which can only establish a generalised “never mind”. If there is, in the first regime, a devotion to the certainty of “initial conditions” (a reality that “is already” there from the start), in the second one there is a devotion to its degradation into no matter what reality. Indeed, mobility increases, in the sense that the univocal explanation gets fragmented in the polyphony of an interpretative “diversity” of world perspectives. But the representation breach soon finds itself stitched up: interpretation enters the authorship drain with far more pressure than the explanation it intended to criticise. In that living mode, that “autonomous” and misgoverned existence is achieved at the expense of perpetuating, and even worsening, the logic of the entitarian scission. Whereas in the modern complementarity some kind of relation is practiced, as symbiotic as it may be – obstinate in its looping reiteration of the I and the other, the subject and the object – in the postmodern image of the world emerges the anti-relational acetic face of relativism: a world of generalised symmetry; a world that is more and more our world, in these times of multiculturalism and politically correct inclusion.

3. The regime of the “and, and, and...”: de-scission and re-existence

But... what if we imagined another possible world? A third sensorial regime, neither

complementary nor symmetric? A world where existing wouldn't be reproducing or rebelling, and where resisting wouldn't consist in the closure of relations? A living mode where the whole thing wouldn't amount to certainty or changeover, to the dream of consensual agreement or to indifferent omission?

A world where difference wouldn't be frozen according to identities, as in the modern regime, but that wouldn't be erased by the indifference of the postmodern “anything goes” either. A world where difference could spread in its infinitesimal asymmetry without having to be sacrificed in the name of encounters, and where encounters wouldn't have to be sacrificed in the name of symmetry either? A dissensual world², where living together would be made of the microscopic chromatics of singular rhythms? A fantasy of ideorhythms³, of community, a minoritarian-becoming⁴ that has circulated and still circulates between the two other regimes, activating itself here and there, usually in a fleeting, bacterial, and invisible way. The fantasy of making it into a dwelling, of visualising it according to an ethics of sufficiency (not of the necessary, and even less of the compulsory) distant from the proclamation of the I. A world that is not inaugurated from the point of view of scission, but in the effort to perpetuate the relation or “de-scission”, producing the Event as a common plan of action.

Here is a third image of thought – and of action, which in this case do not oppose: an image of reciprocity. A third image that is not based upon the assumption of entity, of species, of a contour prior to encounters, but in which we risk to experiment with the varieties of a relation, with the differentialities of difference: and, and, and... a living mode in which we don't have to choose between a resigned existence and the resistance of tyrant libertarianisms; in which we have to commit to a rigorous (though not rigid) work of re-materialisation⁵ of both movements of the “de-scission” operation: a decision to de-scissor, to do without entitarianism, without the certainty (or without the desperate search for the postmodern lost certainty) that “I am” as a condition for encounters. To re-exist in each encounter, be the consequence, and not the cause of the relation.

For it seems to us that resisting, if it is not re-existing, has no effect on relativity: it dies within relativism. It does not affect the relation; it dies in the becoming compulsory of interactivity or in the trench of bitter denial. If the affirmative purpose is vital continuity, let us rather talk about re-existence, about resilience: the flexible

force of adaptable fragility, which lies in molecular clarification and in re-inventive acceptance, in dealing with “what we have”, rather than in rigid insistence of denial or in indifferent desistence of consent.

This is a problem that crosses both artistic practices and life in community. The fact of activating it and dealing with it places us beyond the segregating logic that fences in knowledge domains and artistic fields, and gives us back an ethical and political awareness that we make our own facts as much as they make us⁶ – so that we can and ought to take responsibility both for our modes of living together and for our modes of creating worlds. There are no spectators; there are no artists: we are all (whether we assume that responsibility or not) makers of our own co-existence.

4. Research on another possible world: the emergence of mayhapness

It is in this question-place that the current research project will situate itself: in the affinities between the modes of “making problems” proper to the contemporary anthropology practised by Fernanda Eugenio, and the questions raised by the method of Real Time Composition developed by João Fiadeiro.

2. Rancière, Jacques. “O espectador emancipado”. Lisboa: Orfeu Negro, 2010;
- Rancière, Jacques. “A comunidade como dissidência”. In: Dias, Bruno Peixe & Neves, José (coord.) “A política dos muitos”. Lisboa: Fundação EDP e Edições Tinta da China, 2010.
3. Barthes, Roland. “Como viver junto”. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
4. Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. “Milles plateaux”. Paris: Minuit, 1980.
5. Latour, Bruno. Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory. UK: Oxford University Press, 2005; Latour, Bruno. “A cautious Prometheus? A few steps towards a philosophy of design (with a special attention to Peter Sloterdijk)”. Keynote lecture, Seminário Networks of Design. Cornwall, 2008.
6. Latour, Bruno. “Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches”. Bauru, SP: Edusc, 2002.
7. Bateson, Gregory. Steps to an ecology of mind. London/Chicago: The University of Chicago Press, 1972.

Será uma proposta de habitação colaborativa: a da investigação sobre modos de operacionalizar um mundo outro que não o da cinética moderna e pós-moderna da mobilização infinita. O que envolve, antes de mais, um enorme esforço por retroceder da Acção e do Eu, um esforço por estancar o imediatismo impulsivo de conhecer e saber “o que aquilo é”. Um esforço “substractivo”: subtracção⁸ do Eu e do Porquê (da fixação pelo significado, em sua forma explicativa ou interpretativa) a fim de extrair o retorno à simplicidade do “direito de seguir”, ou seja, do sentido entendido tão somente como direcção emergente e não-teleológica. Um esforço, então, por colocar como pergunta primeira a explicitação do que “temos” mutuamente para oferecer, a cada vez, como matéria da relação.

Orienta o nosso projecto um empenho por reformular a pergunta, na confiança de que um mundo novo não se inaugura quando encontramos respostas, mas quando mudamos as perguntas. Não perguntar pelo Ser (“o que é que isto é?”), mas pelo Ter⁹ (“o que é que isto tem?”). Trabalhar para tornar visíveis as affordances¹⁰ (as propriedades-possibilidades que convidam ao encaixe relacional contingente) é, assim, também um esforço por não operar nem indutiva nem dedutivamente, mas abductivamente¹¹. Um esforço por retroceder do que é vidente (o evidente) e abrir intervalo para que se traga à superfície aquilo que o vidente obscurece (ou “obvia”).

O “motor” deste funcionamento é, assim, a pausa: não a cinética incansável do “to understand”, mas a sua inibição, desafio de permanecer no adiamento da acção, no intervalo do “stand”.

Nesta velocidade que não é movimento, a criação encontra um território inteiramente outro para fixar o seu sentido: nem criação no sentido bíblico (a partir do zero fazer o “é”), nem no sentido romântico (a partir do “é” do artista fazer, por capricho, o “zero”).

Mas criação como estigméria: trabalho colectivo, sem sujeito e sem objecto; trabalho ilimitado de re-materialização daquilo que emerge da relação; trabalho com o que se tem a cada vez e com o que fica, com as marcas e os rastros do viver juntos. Trabalho no qual ocupamos não somente em distrairmo-nos suficientemente do Eu para activar a atenção ao entorno e ao manusear não-manipulativo dos encaixes possíveis, à calibragem fina entre o persistir e o

desistir para, então, re-existir.

Criação que emerge porque nos abtemos do controle e do protagonismo e disponibilizamo-nos enquanto ferramentas “menores”, enquanto gamekeepers¹² do “desenho cego” do Acontecimento. Criação, assim, como autopoiesis¹³ do comum. Como serendipidade – encontrar aquilo que não se buscava, que não se sabia, que não se desejava, que não foi criado por nenhum autor em particular, mas que é feito dos encontros em rede de ilimitados contributos anônimos (sem nome, sem Eu). Encontrar aquilo que “calhou” ou aconteceu.

Esta é, assim, uma investigação sobre um outro mundo possível, nem o da modernidade nem o da pós-modernidade. Talvez, quem sabe, o da Secalharidade.

5. Tetralema: o projecto como processo iterativo

Esta proposta ir-se-á desdobrar num projecto investigação que terá lugar entre Setembro de 2011 e Dezembro de 2012 e que funcionará simultaneamente enquanto projecto piloto para criação de um Centro de Investigação, Aplicação e Transmissão do método de Composição em Tempo Real. O Curso, a Criação e o Livro, três dimensões de um mesmo esforço para pensar e operacionalizar o viver juntos recíproco (no quotidiano e na criação artística).

Ao accionarmos dispositivos tais como um curso, uma criação e um livro estamos atentos à carga simultaneamente imprescindível e perigosa deste movimento. Por um lado, exteriorizar e pronunciar – tomar posição, largando o devir-imperceptível a que a exploração rigorosa e delicada da reciprocidade poderia conduzir –, é fundamental para “fixar a bandeira pirata” do modo de vida da secalharidade, activando-o enquanto acontecimento inquietante, suficiente para fazê-lo emergir no plano do visível e devolver-lhe a clareza da sua textura dissensual. A ambição será a de reabrir de forma séria o debate que o relativismo pós-moderno tem logrado anestesiar sob a forma interativa de uma mera tolerância asséptica, entre o indiferente e o festivo, na maior parte das vezes apenas discursiva.

No entanto, se para afetar o visível é preciso ceder e frequentar seus modos de operação, então que esta seja uma consensão mínima, apenas a suficiente. Pois há todo um conjunto de perigos a desactivar para reabilitar esses dispositivos de poder, hierarquia, distinção, legitimação e domesticação que são as ferramentas

pedagógicas, artísticas e científicas: velhas estratégias modernas de (re)produção de verdade, certeza, definição, comando. Como então fazê-los instrumentos de um “uso menor”, transformá-los em lugar de encontro, quando sabemos o quanto estão comprometidos com uma vocação quase irresistível e já há muito automatizada para a recogição, para a fixação do significado reiterativo?¹⁴

Como conjurar, ao mesmo tempo, a reiteração e a interação? Porque já não basta quebrar o círculo reiterativo da moderna partilha hierárquica mestre/aprendiz, artista/espectador, cientista/leigo (todas modalidades da oposição sujeito versus objeto, ou sujeito versus sujeitado) proclamando “no grito” a pseudo-relação pós-moderna da interatividade igualitária. Parece-nos que para encarar e enfrentar estes “monstros” em suas próprias casas (a escola, o teatro ou o livro) teremos que desenvolver formas de disponibilidade para abrir os lugares fechados da transmissão, da criação e da escrita através da contaminação recíproca de seus modos de operação. Disponibilidade para trai-los¹⁵ uns com os outros; para estar sempre entre eles. Para trabalhar na iteração, modo de relação em espiral, que não é nem a interação (que a cada ciclo relacional retorna ao zero) nem a reiteração (cujos ciclos são círculos, ou meras aula, o espetáculo e o conceito e usá-los, deslocados, para perturbar o desenrolar pacífico dos demais, para propor confirmações).

8. Deleuze, Gilles. “Um manifesto de menos”. In: Sobre o teatro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

9. Tarde, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

10. Gibson, James. “The Theory of Affordances”. In: Shaw, Robert & Bransford, John (eds.) *Perceiving, Acting, and Knowing*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1977; Gibson, James. “The Ecological Approach to Visual Perception”. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

11. Ginzburg, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

12. Urry, John. “Sociology beyond societies”. *Mobilities for the twenty-first century*. London/New York: Routledge, 2000.

13. Maturana, Humberto & Varela, Francisco. “*Autopoiesis and cognition*”. Boston: D. Reidel, 1980.

14. Deleuze, Gilles & Parnet, Claire. “*Diálogos*”. Lisboa: Relógio d’Água, 2004.

15. Idem.

The project (just like this text) takes up the form of a *metalogue*⁷ – of the thinking-making of the one through the thinking-making of the other, a cross contamination and re-invention of issues, questions and working modes. The *metalogue*: dislocate in order to exist (here is re-existence), engagement in spreading-maintaining openings and dissensus; refusal of the desirably conclusive agreement of dialogue. A research on existence/resistance understood and experienced as re-existence. That is to say, not as an act of “situating oneself against”, but as an act of “situating oneself with”. Thus the crucial relevance of widening the understanding of what a composition might be: very clearly a “placing oneself with” the other, the position of each agent being given by the relation with the others, the consequent position, the “com-position”. It will be a proposal of collaborative inhabitation: that of the research on modes of activating a world other than the one of the infinite mobilisation of modern and postmodern kinetics. This demands, before anything else, a huge effort to step back from the Action and the I; an effort to interrupt the impulsive immediatism to know and recognise “what that is”. A “subtractive” effort: subtraction⁸ of the I and the Why (of the fixation on meaning, on its explicative or interpretative form) in order to extract a way back to the simplicity of “the right to go on”, i.e. sense understood solely as an emerging non-teleological direction. An effort then, to pose the prior question about the clarification of what “we have” to offer to each other, each time considered as a matter of the relation we are in.

What guides our project is the engagement to reformulate the question, trusting that a new world cannot be inaugurated when we find the answers, but when we change the questions. Not to ask about Being (“what is this?”), but about Having⁹ (“what does this have?”). Working in order to make affordances¹⁰ (the properties-possibilities that invite us to a contingent relational fitting) visible is therefore also an effort to operate not inductively or deductively, but abductively.¹¹ An effort to step back from what is clairvoyant (the evident) and to open an interval, so that what is obscured (or “obviated”) by clairvoyance can regain the surface. Hence, the “motor” of this working mode is the pause: not the tireless kinetics contained in the imperative “to understand”, but its inhibition, the challenge of remaining in the delay of action, in the interval of a “stand”.

At this speed, which is not a movement, creation meets an entirely new territory to set its sense on: neither creation in the biblical sense (making the “is” from

zero), nor in the romantic sense (making the “zero” from the “is” of the artist, for her own pleasure). Rather, creation as stigmergy: collective work with no subject or object; unlimited work of re-materialisation of what emerges from relations; each time working with what one has and with what remains, with the tracks and traces of living together. A work that consists only in distracting oneself enough from the I in order to activate attention to the environment and to a non-manipulative handling of possible fittings, to the delicate grading between persisting and desisting in order to – then – re-exist.

A creation that emerges because we abstain from control and protagonism, becoming available as “minor” tools, as gamekeepers¹² of the Event’s “blind design”. Creation then, as *autopoiesis*¹³ of the common. As serendipity – finding what we were not searching for, didn’t know, didn’t desire, that was not created by any particular author, but is made of encounters within a network of unlimited anonymous contributions (with no name, no I). Encountering whatever “could be” or happen.

This is therefore a research on another possible world, neither the world of modernity nor the one of post modernity. Maybe, who knows, the one of Mayhapness.

5. Tetralemma: the project as iterative process

This proposal will branch out into a research project that will take place between September 2011 and December 2012, and it will also work as a pilot-project for the creation of a Centre of Research, Application and Transmission of the method of Real Time Composition.

A Course, a Creation, and a Book: three dimensions of the same effort to think and operationalise a reciprocal living together (both within daily life and artistic creation).

As we activate apparatus such as a course, a creation, and a book, we are aware that this movement is loaded with something that is both indispensable and dangerous. On the one hand, exteriorising and uttering – taking position, leaving behind the becoming-imperceptible to which the rigorous and delicate exploration of reciprocity could lead – is fundamental to “set the pirate flag” of the mayhapness way of life, activating it as a disturbing event, enough to make it emerge on the level of the visible and thus restore the clarity of its dissensual texture. The ambition will be to reopen, in a serious way, the debate

that postmodern relativism has managed to anesthetise under the interactive form of mere aseptic tolerance between indifference and celebration, for the most part merely discursive.

Yet if in order to affect the visible we have to give in and go around with its modes of operation, then it should be a minimal concession, no more than enough. For there is a whole series of dangers to be disabled, in order to restore those apparatus of power, hierarchy, distinction, legitimating and taming that are the pedagogic, artistic, and scientific tools: old modern strategies of (re)production of truth, certainty, definition, command. How to turn them into “minor use” tools, transform them into a place of encounter, knowing how much they are engaged in an almost irresistible and already rather automated vocation for recognition, for the fixation of reiterative meaning?¹⁴

How to appeal both to reiteration and interaction? For it is not enough to break up the reiterative circle of the modern hierarchic distribution master/apprentice, artist/spectator, scientist/layman (that are all modalities of the opposition subject versus object, or subject versus subjected), proclaiming, “shouting out loud” the postmodern pseudo-relation of equalitarian interactivity.

-
7. Bateson, Gregory. “Steps to an ecology of mind”. London/Chicago: The University of Chicago Press, 1972.
 8. Deleuze, Gilles. “Um manifesto de menos” [One manifesto less]. In: Sobre o teatro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
 9. Tarde, Gabriel. “Monadologia e Sociologia” [Monadology and sociology]. Petrópolis: Vozes, 2003.
 10. Gibson, James. “The Theory of Affordances”. In Shaw, Robert & Bransford, John (eds.) *Perceiving, Acting, and Knowing*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1977; Gibson, James. “The Ecological Approach to Visual Perception”. Boston: Houghton Mifflin, 1979.
 11. Ginzburg, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” [Clues: roots of an evidential paradigm]. In: *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
 12. Urry, John. “Sociology beyond societies”. *Mobilities for the twenty-first century*. London/New York: Routledge, 2000.
 13. Maturana, Humberto & Varela, Francisco. “Autopoiesis and cognition”. Boston: D. Reidel, 1980.
 14. Deleuze, Gilles & Parnet, Claire. “Diálogos” [Dialogues]. Lisboa: Relógio d’Água, 2004.

Desalojar, assim, cada um desses dispositivos de cisão que são a indagações, para abrir possibilidades, para alterar os seus regimes e expor os seus pactos tácitos. Para desfigurar e desorganizar¹⁶ as suas demarcações e manter vivo o incômodo. O incômodo será, talvez, o único anti-corpo capaz de proteger o metálogo de sucumbir, seja ao monólogo da reiteração, seja ao diálogo da interação.

Esse projeto de imunologização cruzada dos dispositivos curso, criação e livro acciona-os, pois, com a condição (mais uma vez) de “des-cindi-los”. Desenha-se sob a forma do tetralema¹⁷: o curso é curso apenas na medida em que, simultaneamente, não é curso, é criação e livro, não é nem criação nem livro. A criação é criação apenas na medida em que, simultaneamente, não é criação, é curso e livro, não é nem curso nem livro. E o livro é livro apenas na medida em que, simultaneamente, não é livro, é curso e criação, não é nem curso nem criação.

6. O programa

Temos assim um ambiente mínimo, feito de todas essas gradações, como lugar de encontro. Eis o nosso programa¹⁸ de investigação: um conjunto de questões, mas não um tema; um propósito, mas não um motivo; uma disponibilidade, mas não uma causa. Um ponto de partida rigoroso, justamente para permitir a flexibilidade de fazer passar algo que ainda não sabemos (...que sabemos).

Um programa comum que é simultaneamente uma proposição de curso, criação e livro, todos os três a emergirem de uma mesma prática, a ser experimentada durante nove meses de investigação (entre setembro de 2011 e junho de 2012) em encontros com gradações variadas de intensidade e duração: que variam entre as 3 horas, os 3 dias, as 3 semanas e os 3 meses. Ao longo desse processo, que será curso, criação e ao mesmo tempo matéria para o livro, compartilharemos online a escrita e a edição, do mesmo modo que compartilharemos as criações emergentes da convivência. Entre junho e dezembro de 2012, trabalharemos na passagem desta escrita viva à publicação, de forma a forjar um vocabulário conceptual preciso para descrever e compartilhar tais modos de operação.

1. A sensibilidade às ‘condições iniciais’ (S.I.C.) e o funcionamento da Composição em Tempo Real

- a) Do (É)vidente ao OB(vio): o trabalho sobre as ‘condições iniciais’

- b) There is no why, There is no I. O trabalho da subtração
- c) Subtração e Re-materialização: do instinto ou segundo-instinto à emergência
- d) Da cisão à des-cisão: as affordances e o protocolo da relação/diferença
- e) Fica o que re-existe

2. O trabalho de menorização e o valor das acções na Composição em Tempo Real

- a) Ética do suficiente e imunologia: da acção Maior (gardening/manipulação) à acção Menor (gamekeeping/manuseio)
- b) O que levar à mistura: desertar-se, o trabalho microscópico sobre si
- c) Memória e acontecimento: de como por fim existir (pôr fim e existir)

3. Modos de viver e política: nem consenso nem não-senso, o trabalho pelo dissenso

- a) Da modernidade à secalharidade. Do Ser ao Ter. Do é/ou ao e, e, e...
- b) Do globo à esfera.¹⁹ Da frontalidade sujeito/objecto ao entorno relacional. Da Linha ao Quadrado
- c) Dimensões do Quadrado e formas de relação: o par, a comunidade
- d) Des-autorização e Com-posição

4. Práticas de criação e de encontro: a chegada na representação

- a) Dramaturgia como desenho cego ou de como não espantar o acontecimento: fazer-se pedra, fazer-se elástico
- b) Nem indução nem dedução: abdução e serendipidade
- c) Chegar à representação (e não partir dela): o encontro com o espectador e a partilha de responsabilidades

16. Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. “Comment se faire un Corps sans Organes?”. In: Milles plateaux. Paris: Minuit, 1980.

17. Berque, Augustin. “Éloge du tetralème”. In: Contes de Palaiseau, c. 2011.

18. Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. op.cit.

19. Ingold, Tim. The perception of the environment. London and New York: Routledge, 2000.

We think that in order to face and deal with these “monsters” at their own homes (the school, the theatre or the book) we will have to develop forms of availability to open the closed places of transmission, of creation and writing through the reciprocal contamination of their modes of operation. Availability to betray them¹⁵ with one another; to be always between them. To work on interaction, a spiral relation mode, which is neither an interaction (that returns to zero at each relational cycle) nor a reiteration (whose cycles are circles, or mere confirmations). To dislocate, in this way, each of those scission apparatus that are the class, the show, and the concept, and use them in a displaced way in order to disturb their pacific unfolding, to propose inquiries, to open up possibilities, to change their regimes and expose their tacit pacts. In order to disfigure and disorganise¹⁶ their demarcations and keep the uncomfortable alive. Perhaps the uncomfortable will be the only antibody that is able to prevent the metalogue from succumbing both to the monologue of reiteration and to the dialogue of interaction.

This project of crossed immunology of the apparatus of the course, the creation, and the book thus activates them under the condition (once again) of de-scissoring them. Its design takes the form of the tetralemma¹⁷: the course is only a course to the extent that at the same time it is not a course; it is a creation and a book, and it is neither a creation nor a book. The creation is only a creation to the extent that at the same time it is not a creation; it is a course and a book, and it is neither a course nor a book. And the book is only a book to the extent that at the same time it is not a book; it is a course and a creation, and it is neither a course nor a creation.

In this way we have a minimal environment made of all those varieties, as a place of encounter. Here is our research programme¹⁸: a set of questions but not a subject matter; a purpose but not a motive; availability but not a cause. A rigorous departure point precisely meant to allow the flexibility of opening the way to something we do not know yet (...that we know).

Research starting points

1. Sensitivity to ‘initial conditions’ (S.I.C.) and the functioning of Real Time Composition
 - a) From (E)vident to OB(vious): the work on ‘initial conditions’
 - b) There is no why, There is no I. The work of subtraction
 - c) Subtraction and Re-materialisation: from instinct or second-instinct to emergence
 - d) From decision to de-scission: affordances and the protocol of relation/difference
 - e) Remains what re-exists
2. The work of minorisation and the value of actions in Real Time Composition
 - a) The ethics of sufficiency and immunology: from Major action (gardening/manipulation) to Minor action (gamekeeping/handling)
 - b) What to take with: desert oneself, the microscopic work on oneself
 - c) Memory and event: on how to finally exist (put an end and exist)
3. Modes of living and politics: neither consensus nor non-sense, the work by means of dissensus
 - a) From modernity to mayhapness. From Being to Having. From is/or to and, and, and...
 - b) From globe to sphere.¹⁹ From the subject/object face-to-face to a relational environment. From Line to Square
 - c) Dimensions of the Square and forms of relation: peers, community
 - d) Des-authorisation and Com-position
4. Practices of creation and encounter: the arrival to representation
 - a) Dramaturgy as blind design or how to not frighten the event: becoming stone, becoming elastic
 - b) Neither induction nor deduction: abduction and serendipity
 - c) Getting to representation (instead of departing from it): encounter with the spectator and shared responsibilities

15. Idem.

16. Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. “Comment se faire un Corps sans Organes?” [How to make oneself an organless body?]. In: Milles plateaux. Paris: Minuit, 1980.

17. Berque, Augustin. “Éloge du tetralème” [In praise of the tetralemma]. In: Contes de Palaiseau, c. 2011.

18. Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. *op.cit.*

19. Ingold, Tim. “The perception of the environment”. London and New York: Routledge, 2000

O encontro é uma ferida

Fernanda Eugénio e João Fiadeiro

O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos, ao mesmo tempo que subtrai passado e futuro com a sua emergência disruptiva.

O encontro só é mesmo encontro quando a sua aparição acidental é percebida como oferta, aceite e retribuída. Dessa implicação recíproca emerge um meio, um ambiente mínimo cuja duração se irá, aos poucos, desenhando, marcando e inscrevendo como paisagem comum. O encontro, então, só se efectua – só termina de emergir e começa a acontecer – se for reparado e consecutivamente contra-efectuado – isto é, assistido, manuseado, cuidado, (re)feito a cada vez in-terminável.

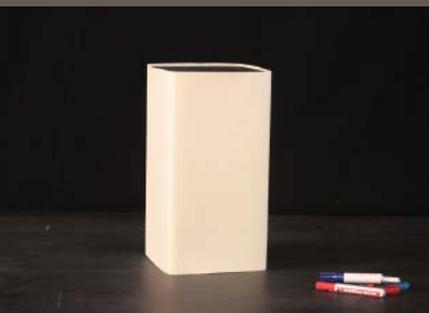
Muitos acidentes que se poderiam tornar encontro, não chegam a cumprir o seu potencial porque, quando despontam,

sujeito e objecto, a repartir por decreto o que pode e o que não pode cada um destes entes. A setorizar no sujeito, de modo unilateral, toda a capacidade de agência e de produção de sentido, assim como todo o direito de legislar sobre o objecto para fins de diagnóstico, controle, classificação, pacificação do espírito, etc. Tornando objecto, o acidente é também cancelado na sua inclinação e potência de afectação cabendo, à força, numa certeza ou num “achar”. E assim se vai existindo. “Achando” antes de se encontrar.

Sendo esta a lógica dominante a operar no nosso quotidiano – a do desespero e não a da espera; a da urgência e não a da emergência, a da certeza e não a da confiança – um acidente, só é experimentado como tal se tiver a força de uma catástrofe. Se for tão desproporcional na sua diferença, na sua discrepância em relação à nossa expectativa e aos nossos instrumentos

salvam, nem nos abrimos à estimativa recíproca, perdendo assim a oportunidade de experimentar “ao que sabe” o encontro. Já não detemos o controle e muito menos as certezas que o amparavam. Já claramente não somos nós quem decide. Entretanto, como se nos tivéssemos esquecido de sincronizar os nossos pressupostos à atualização do mundo, permanecemos reféns do decreto que nos dava a ilusão de decidir. E é aqui que está o nó: não em termos perdido o “poder de decisão” (será que alguma vez o tivemos?), mas em sermos incapazes de tomar uma “des-cisão”, de revogar o decreto da cisão.

O mundo em que vivemos hoje é justamente este: aquele em que já percebemos que não podemos decidir, mas ainda não aprendemos a des-cindir. Um mundo em que, atônitos, nos sentimos consecutivamente apanhados por acidente atrás de acidente, crise atrás



são tão precipitadamente decifrados, anexados àquilo que já sabemos e às respostas que já temos, que a nossa existência segue sem abalo na sua cinética infinita: não os notamos como inquietação, como oportunidade para reformular perguntas, como ocasião para refundar modos de operar.

Com o pressuposto de que primeiro é preciso saber para depois agir, raramente paramos para reparar no acidente: mal eles apanha, tendemos a bloquear a sua manifestação ainda precária e incipiente. Recuamos com o corpo e avançamos com o “olhar” – que julga apenas constatar “objetivamente” o que lá está – ou com o “ver”, que parte da premissa de que há um sentido por detrás das coisas, a ser interpretado “subjetivamente”. Num ou noutro caso, chega-se cedo demais com um saber – lei ou ponto de vista, uno ou plural: ambos manipulação. Ambos versões de uma mesma cisão entre

de decifração e interpretação, a ponto de se antecipar e se sobrepor ao decreto de objectivação, levando-nos, num só folgo, de sujeitos a sujeitados. Então não o conseguimos ignorar nem o domesticar: ele, simplesmente, cai-nos em cima. Mas o que é trágico, é que mesmo este acidente-catástrofe, tão pouco tende a ser vivido como encontro, já que a cisão entre sujeito e objecto preserva-se, apenas se invertem os seus sinais. Destituídos do controle que julgávamos nos pertencer de direito, paralisamos-nos ultrajados diante da súbita soberania do acidente. Entramos em crise, colocamos tudo em dúvida; culpamos os deuses, os pais, o estado, o país. Em desespero, precipitamo-nos para a arbitrariedade do “tanto faz” ou para a prepotência do “tudo pode”: pomos-nos a resistir. E se mesmo assim não funcionar, pior ainda, pomos-nos a desistir.

Só que aí já é tarde – nem o saber se aplica mais, nem os “achismos” nos

de crise, incerteza atrás de incerteza. Apanhados pela exasperada sensação de que “já é tarde”. “Já é tarde” para insistir na ficção de que detemos o controle. “Já é tarde” para insistir na negação das disparidades, dos conflitos, das discordâncias, das intransigências, dos equívocos tornados lei. “Já é tarde” para insistir em viver “como se” o consenso fosse possível ou mesmo desejável. Para insistir numa existência inabalável, que pretende saber por antecipação, apoiada num nexo aporístico e transcendente: a cada coisa o seu nome, o seu enquadramento, a sua regularidade; nenhum susto ou risco, tudo explicado, tudo previsto. E isso, tudo isto, já não se sustenta mais.

Mas se já não há como prosseguir numa existência acomodada, na pacata desimplicação do “tá-se bem”, também “já é tarde” tanto para a resistência como para a desistência: fica cada vez mais

An encounter is a wound

Fernanda Eugénio and João Fiadeiro

An encounter is a wound. A wound which widens – in a way that is both delicate and brutal – the possible and the thinkable, signalling other worlds and other ways of living together, as it subtracts past and future by way of disruptive emergence.

An encounter can only be one when its accidental manifestation is perceived as offered, accepted and returned. From that mutual implication emerges a middle, a minimum environment whose duration will little by little design, mark and inscribe itself as a common landscape. An encounter can only take place – can only stop emerging and start to happen – if it is noticed and consecutively counter-effectuated – this is to say, assisted, handled, cared for, each time (re)made as never-ending.

Many accidents that could become encounters never come to accomplish their potential because when they come up they are so hastily decoded, added to what

capacity to produce agency and meaning to the subject, as well as the right to legislate about the object in order to diagnose, control, classify, and pacify the spirit, etc. Transformed into an object, the accident's inclination and potentiality to affect are also cancelled and boxed in, by force, in a certainty or in some "I find". And so we keep existing. Before any encounter, we have already "found"..

This is the dominant logic operating in our day-to-day – the one of despair and not the one of waiting; the one of urgency and not the one of emergency; the one of certainty and not the one of trust – an accident can only be experienced as such if it has the force of a catastrophe. When it is so disproportional in its difference, in its divergence in relation to our expectations and our decoding and interpretation tools, that it precedes and overwhelms the objectivation decree, taking us from subjects to subjected in one go. That is

so the certainties that sustained it. We are clearly not the ones who decide anymore. In the meantime, as if we had forgotten to synchronize our assumptions with the actualisation of the world, we remain hostages of the decree that gave us the illusion that we have decided. Here is the knot: not in the fact that we lost the "power of decision" (have we ever had it?), but in the fact that we are unable to take a "de-scission", revoking the decree of scission.

The world we live in today is precisely that: the one where we have already understood that we cannot decide, but not yet learned how to de-scissor. A world where we, astonished, uninterruptedly feel caught by an accident after the other, crisis after crisis, uncertainty after uncertainty. Caught in the sensation that it is "too late". "Too late" to insist on the denial of disparities, conflicts, disagreements, intransigencies, equivoques turned into law. "Too late" to insist on living "as if" the consensus



we already know and to the answers we already have, that our existence goes on undisturbed in its infinite kinetics: we do not acknowledge them as anxiety, as an opportunity to reformulate questions, as an occasion to restructure operative modes.

Assuming that we have to know first in order to act afterwards, we hardly stop to take notice of the accident: as soon as we are caught in it, we tend to hinder its still precarious and incipient manifestation. We withdraw our body and move further with the "gaze" – believing it can "objectively" perceive what is there – or by "looking", assuming there is a meaning behind things which is to be "subjectively" interpreted. In either case, we arrive too soon with what we know – a law or point of view, a unified or a plural one: both are manipulation. Both are versions of the same scission between subject and object, partitioning by decree what each of these entities can and cannot. Unilaterally attributing the

when we cannot ignore or domesticate it: it simply lands on us. But what is tragic is that even this catastrophe-accident tends to be experienced not so much as an encounter, since the scission between subject and object is preserved; only its signs are inverted. Dismissed of the control we believed to be ours by right, we find ourselves paralysed, outraged before the sudden sovereignty of the accident. We enter a crisis, doubting about everything; blaming the gods, the parents, the state, the country. In despair, we rush to the arbitrariness of "who cares" or the superiority of "anything goes": we take to resisting. And if it doesn't work all the same, then it is even worse, we take to desisting.

And then it is already too late – the fact of knowing does not apply anymore, "findings" do not save us, and neither do we open to mutual estimation; we thus miss the opportunity to experiment what the encounter "tastes like". We lose control and

was possible or even desirable. To insist on an unshakeable existence, supported by an aprioristic transcendent nexus: for every thing a name, a frame, a regularity; no frights or risks, everything explained, everything foreseen. And that, all this, is no longer sustainable.

It is no longer possible to keep on with an accommodated existence, in the peaceful indifference of the "everything's fine", "too late" anyway, both for resistance and for desistance: it becomes clear that there is no "way out" from those two ways of unresponsiveness.

And that is precisely why this may well be the right moment to staunch

despair and take notice of what surrounds us. To suspend the regime of urgency, creating the conditions for a disarmed and responsible opening to emergence. To replace expectation with waiting, certainty with trust, complaint with

claro que não há “saída” nem “solução” a partir dessas duas maneiras de nos desresponsabilizarmos.

E, talvez por isso, seja este o momento justo para estancar o desespero e reparar no que há à volta. Suspende o regime da urgência, criando as condições para uma abertura desarmada e responsável à emergência. Substituir a expectativa pela espera, a certeza pela confiança, a queixa pelo empenho, a acusação pela participação, a rigidez pelo rigor, o escape pela comparência, a competição pela cooperação, a eficiência pela suficiência, o necessário pelo preciso, o condicionamento pela condição, o poder pela força, o abuso pelo uso, a manipulação pelo manuseamento, o descartar pelo reparar. Reparar no que

na estimativa das variantes em jogo, no cálculo infinitesimal dos encaixes e das proporções suficientes.

Isso só pode ser feito se revogarmos os escudos protectores seja do sujeito seja do objecto e se largarmos os contornos pré-definidos do eu e do outro. Isso só pode ser feito se não avançarmos de imediato com a vertigem do desvendamento ou com a tirania da espontaneidade, encontrando tempo dentro do próprio tempo das coisas. Um tempo que já lá está, entre o estímulo e a resposta, mas que desperdiçamos na ferocidade com que cedemos ao medo e recaímos no hábito, nas respostas prontas ou numa reação impulsiva qualquer, apenas para saciar o desespero de não saber. Isso só pode ser feito se abirmos mão do protagonismo,



se tem, fazer com o que se tem. E acolher o que emerge como acontecimento. Reencontrar, naquela matéria simples e quotidiana em relação à qual aprendemos a nos insensibilizar – a matéria da secalharidade – reencontrar aí, nesse comparecer recíproco, toda uma multiplicidade de vias contingentes para abrir uma brecha. Uma brecha para a re-existência.

De forma a explorar essa brecha é preciso abdicar das respostas, largar a obstinação por se definir o que as coisas “são”, o que “significam”, o que “querem dizer”, o que “representam”. Deixar de lado a obsessão pelas causas, pelos motivos, pelas razões, e a procura insaciável por identificar e acusar culpados, por fortalecer o lamento – enquanto, impávidas, as consequências vão seguindo os seus rumos. É preciso, justamente, activar um trabalho com as consequências, empenhado em assistir e rastrear no óbvio as oportunidades para entrar em plano comum.

Se há alguma razão no encontro, não é a das causas e a dos sentidos, mas a razão – o ratio – das distâncias que o com-põe enquanto modulação distributiva de diferenças dinâmicas, autônomas porque co-dependentes. É este tipo de “razão” que aparece quando nos envolvemos

transferindo-o para esse lugar “terceiro”, impuro e precário, que se instala a meio caminho no cruzamento das inclinações recíprocas: o acontecimento.

Se nos dermos esse tempo, esse silêncio, essa brecha; se suportarmos manter a ferida aberta, se suportarmos simplesmente (re)parar – voltar a parar para reparar no óbvio até que ele se “desobvie” – então, eis que o encontro se apresenta e nos convida, na sua complexidade embrulhada em simplicidade.

Encontrar é ir “ter com”. É um “entre-ter” que envolve desdobrar a estranheza que a súbita aparição do imprevisto nos traz. Desdobrar o que ela “tem” e, ao mesmo tempo, o que nós temos a lhe oferecer em retorno. Desfragmentar, nas suas miúdezas, as quantidades de diferença inesperadamente postas em relação. Retroceder do fragmento (parte de um todo) ao fractal (todo de uma parte).

Relação: encaixe situado entre possibilidades compossíveis que co-incidem.

Relação de relações: uma tendência, um percurso, um acontecimento que só dura enquanto não “é”, que só dura enquanto re-existimos com ele.

Viver juntos é, tão somente, adiar o fim.

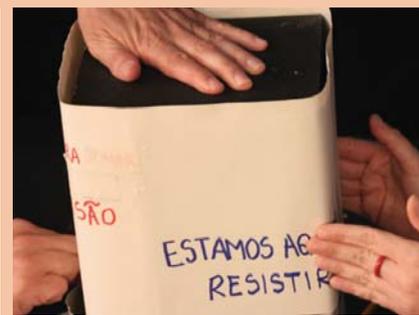


commitment, accusation with participation, rigidity with rigor, avoidance with attendance, competition with cooperation, efficacy with sufficiency, the necessary with the precisely needed, conditioning with condition, power with force, abuse with use, manipulation with handling, discarding with repairing. To take notice of what one has, to do with what one has. And welcome what emerges as an event. Reencounter, in that simple and daily matter towards which we are taught to become insensitive – the matter of mayhapness –, reencounter in that mutual attendance, a whole multiplicity of contingent ways to open a breach. A breach into re-existence.

In order to explore that breach, one has to abandon the answers, let go of the obstinacy to define what things “are”, what they “signify”, what they “mean”, what they “represent”. Give

contours of the self and the other. This can only be carried out if we stop moving further too soon, driven by the vertigo of revelation or the tyranny of spontaneity, finding time within the very time of things. A time that is already there, between the stimulus and the answer, but that we squander in the voracity with which we give in to fear and get back to habit, to readymade answers or to whatever impulsive reaction, just to quench the despair of not knowing. This can only be carried out if we let go of leadership, transferring it into that “third” place, an impure and precarious place that takes place halfway at the crossroads of mutual inclinations: the event.

If we give ourselves that time, that silence, that breach; if we can put up with keeping the wound open, if we can put up with simply (re) pairing – stopping anew in order to reconsider



up the obsession of causes, motives, reasons, and the insatiable hunting to identify and accuse the guilty ones, to reinforce the lament – while the consequences impassibly pursue their purposes. Most precisely, we have to activate a work with the consequences, commit to assisting and tracking in the obvious the opportunities to enter a common plane.

If there is a reason in the encounter, it's not the reason of causes or judgments, but the ratio of distances between the positions that assemble in its frame, transforming it into a co(m)position. It is this kind of “reason” that appears when we engage in the guesstimate of the variables at stake, in the infinitesimal calculation of the matches and the sufficient proportions.

This can only be carried out if we revoke the protection shields of the subject and the object, and if we let go of the pre-defined

the obvious until it “dis-obviates” – then the encounter presents itself and invites us in, with its complexity wrapped up in simplicity.

To encounter is about “having something with”. It is an “enter-(main)-tainment – an inter-having –, that implies unfolding the strangeness brought about by the sudden manifestation of the unexpected. To unfold what it “has” and, at the same time, what we have to offer it. To defragment, in minutiae, the amounts of difference unexpectedly put in relation. To go back from the fragment (part of a whole) to the fractal (wholly of a part).

Relation: a match situated between compossible possibilities that co-incide.

Relation of relations: a tendency, a pathway, an event that only takes place while it “is” not, that only takes place while we re-exist with it.

Living together is just about postponing the end.

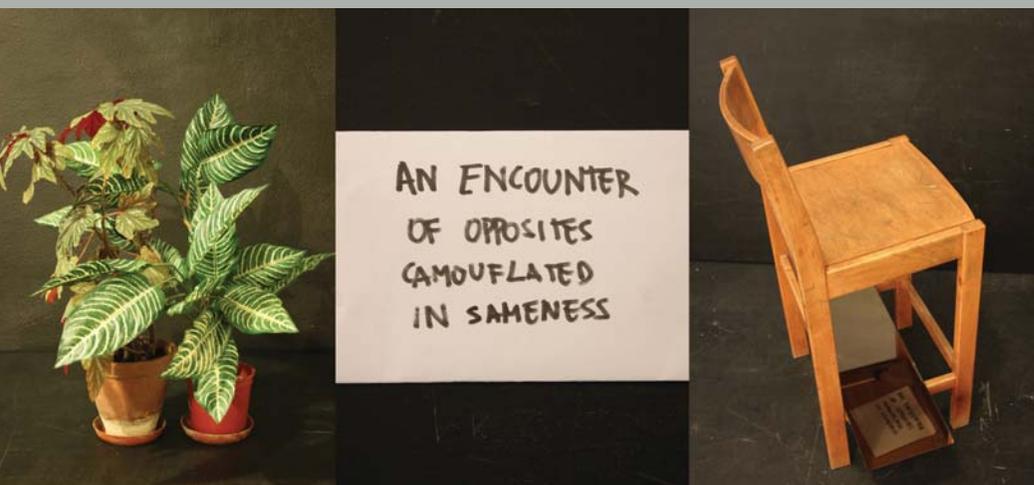
EL JUEGO DE

O JOGO DAS PERGUNTAS* Fernanda Eugénio^I e João Fiadeiro^{II}

Os conceitos-ferramenta e ferramentas-conceitos apresentados neste texto são consequência do encontro entre dois modos de fazer – o do etnógrafo e o do coreógrafo, ou, mais precisamente, do encontro entre duas inquietações – a de Fernanda Eugénio com a antropologia e a de João Fiadeiro com a dança – que revelaram-se como apenas uma.

Uma: a inquietação acerca de como viver juntos, considerando que o aparato de que dispomos para isso foi todo articulado em torno da obsessão pelo separado,

pelo controlo, pela esquadrinhação, pelo saber. A inquietação acerca de como não ter uma ideia, ou seja, como prescindir desta obsessão pelo saber e pela decisão controlada, controladora ou controlável, disponibilizando-nos para tomar uma “des-cisão”: entre humanos e não-humanos, sujeitos e objetos, eu e o entorno, pessoa e acontecimento, teoria e prática, pensamento e ação, agência e passividade, ética e estética e tantos dos outros opostos-complementares replicantes que sustentam a nossa visão de mundo.



Re-parar e reparar: do saber ao sabor, do porquê ao quê

Despertar este outro modo de operar para lidar com o que acontece à nossa volta enquanto matéria daquilo que nos afecta e nos põe a trabalhar, envolve abdicar da lógica do “era uma vez” e de uma relação linear com o tempo, dispondo-nos a começar (e acabar) a história pelo “meio”.

Tomar o meio como lugar de trabalho não é habitual e, parecendo simples e mesmo óbvio – já que estamos sempre “a meio” ou “em meio” de qualquer coisa e viver é sempre gerúndio – tendemos antes a começar pelo “fim”. Os modos operativos que mais praticamos, por diferentes que sejam, raramente partem do “fator de situação” do meio:

articulam-se todos pelo fim e variam tão somente no modo como o entendem. Se o situam no futuro, colocam-nos para começar pelo “fim-finalidade”: objectivo, meta ou expectativa. Se o situam no passado, colocam-nos para começar pelo “fim-causalidade”: causa, origem, motivo, razão, tradição ou, aqui também, expectativa. Essa simples escolha em se começar pelo fim, encerra estes modos operativos num formato-lei – a lei da expectativa, que nos põe à partida na posição de “narrar o que foi, o que é e o que será” – apoiados por algum género de saber ou pressuposto. Aliás, este é um outro modo de falar do mesmo problema: os jogos que estamos habituados a

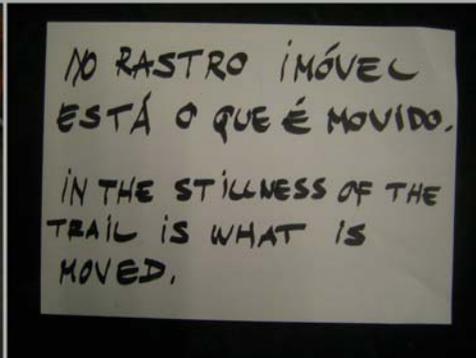
jogar são aqueles em que, sendo as regras dadas de antemão, as posições também são postas mesmo antes de lá estarem: na prática, não são postas, mas “pressupostas”, acabando assim por serem também “impostas”. Em jogos deste tipo, há pouco ou nenhum espaço para aquilo que não seja esperado e sabido. O imprevisível, se e quando aparece, não consegue ativar senão o mesmo jogo do saber, e neste jogo não consegue ocupar lugar positivo: aparece quanto muito no negativo da “falta”. “Falta de sentido”, que nos remete imediatamente, não para lidar com o concreto do que o imprevisível traz consigo, mas com o abstracto do

* O jogo das perguntas “**como viver juntos?**” e “**como não ter uma ideia?**” compõe o Modo Operativo AND, sistema que emergiu da contaminação recíproca entre o método da Composição em Tempo Real, de João Fiadeiro, e o método da Etnografia Aplicada à Performance Situada, de Fernanda Eugénio. As duas modulações do jogo correspondem a dois diferentes planos de aplicabilidade, respectivamente designados, tools e craft. No plano tools, dedicado à inquietação “**como viver juntos?**”, o jogo tem o ritmo da improvisação colectiva em tempo real – podendo ser jogado no interior de qualquer acontecimento quotidiano (como uma conversa, por exemplo) ou ser praticado de modo laboratorial (como numa improvisação em estúdio, por exemplo). No plano craft, que acolhe a inquietação “**como não ter uma ideia?**”, o jogo assume o ritmo da investigação solitária e a temporalidade da depuração: trata-se do jogo que jogamos individualmente a cada vez que trabalhamos na execução de uma tarefa, na realização de um projeto ou na criação de uma obra, em qualquer área de atuação. O Modo Operativo AND é ao mesmo tempo a matéria de investigação e a base de sustentação do AND_Lab | Centro de Investigação Artística e Criatividade Científica sediado no Atelier Real, em Lisboa. Dedicado à investigação do connectivo “e” (and) na sua operacionalidade concreta, o AND_Lab posiciona-se enquanto ponto de convergência entre as artes, as ciências e o quotidiano – e entre as questões éticas, estéticas e políticas que aí se manifestam.

LAS PREGUNTAS

THE QUESTION GAME*

Fernanda Eugénio and João Fiadeiro



The tool-concepts and the conceptual-tools at hand in this text are the result of an encounter between two modes of doing – the ethnographic and the choreographic or, more accurately, the encounter between two concerns: Fernanda Eugénio’s concern with anthropology and João Fiadeiro’s concern with dance – which turned out to be one and the same.

One: a concern about how to live together, considering that the apparatus we have to do it has been fully articulated around an obsession with separation, control, scrutiny,

and knowledge. The concern about how not to have an idea, i.e. about how to let go of that obsession with knowledge and controlled, controlling and controllable decision, in order to be available to take a “de-scission”: between human and non human, subject and object, the “I” and her environment, person and event, theory and practice, thought and action, agency and passivity, ethics and aesthetics, and so many other complementary-opposite repliers that sustain our worldview.

Stop-again and notice: from knowledge to flavour, from why to what

Awakening this other operating mode in order to deal with what happens around us – as the matter of what affects and activates us – entails abandoning the “once upon a time” logic, as well as a linear relation to time, disposing us to start (and end) the story by the “middle”. We are not used to take the middle as a working place, and while it looks simple and even obvious – since we are always “in the middle” or “in the milieu” of something, and living is always a form of gerund – we tend to begin by the “end”. The operating modes we practice the most, as different as they may be, rarely start by the “situation factor” of the

middle: they all articulate themselves by the end and differ only in the way they understand it. If they situate the end in the future, they make us start by the “aim-end”: the purpose, goal or expectation. If they situate it in the past, they make us start by the “causality-end”: the cause, origin, motive, reason, tradition or, here too, expectation. The simple decision to start by the end encloses such operating modes in a law-format – the law of expectation, which puts us right away in the position of “narrating what was, what is, and what will be” – backed up by some kind of knowledge or assumption. As a matter of fact, this is another way of

* The question game “how to live together?” and “how to not have an idea?” composes the AND Operative Mode, a system that emerged from the reciprocal contamination between the method of Real Time Composition by João Fiadeiro, and the method of Ethnography as Situated Performance by Fernanda Eugénio. The two modulations of the game correspond to two different applicability planes respectively called tools and craft. On the plane of tools, dedicated to the concern with “how to live together?”, the game has the rhythm of real time collective improvisation – it can be played within any everyday event (a conversation, for instance) or in laboratory practice (an improvisation in a studio, for instance). On the plane of craft, which hosts the concern with “how not to have an idea?”, the game takes the rhythm of a solitary research and the temporality of deuration: this is the game we play individually every time we work on the execution of a task, in the accomplishment of a project or the creation of a work in any field of activity. The AND Operative Mode is both the research matter and the sustaining basis of AND_Lab | Centre for Artistic Research and Scientific Creativity in Lisbon. Dedicated to research on the connective “and” in its concrete operationality, AND_Lab positions itself as a point of convergence between the arts, sciences and daily life – and between the ethical, aesthetic and political questions that manifest therein.

talking of the same problem: the games we are used to play are those in which not only the rules are given beforehand, the positions are also posed even before they are there: in practice they are not posed but “presupposed”, so they end up being “imposed” as well.

In this kind of games there is little or no room at all for what is not expected and known. The unpredictable, if and when it appears, cannot but activate the same knowledge game, where it cannot take an affirmative place: in the best-case scenario it can appear in the negativity of the “lack”. A “lack of sense” that immediately directs us not to deal with the concrete of what the unpredictable brings about, but with the abstract we suppose it takes away from us, and which we seek to restore as soon as we can: the so-called end, the why in its infinite varieties of purpose or causality. In this game of knowledge there is no room for not-knowing: either you know (why) or you seek to know (why?). That is to say, to solve and answer. The knowledge game is also the answer game: either we already have an answer and the unpredictable goes unnoticed, or all of a sudden we don’t have it, because that unpredictable intruder steals it. And in that case there is always something we think we know, we always have some answer up our sleeve: we have to explain and interpret at all costs; recover the why and the thread of the expectant-narrative, put things back in their “due” and tamed places.

One has to start by the middle, we said. But what exactly is this work about? It is about taking care of the “what” that is in the middle. To start by the middle means to start by the unpredictable, or rather: to start right there, by the unpredictable, that surrounding situation-place where the accident and the accidented erupt and interrupt each other, operating as a mutual opportunity to find a new game, another game. To replace the knowledge and the answer games by “flavour” and “question games”: a game where the obstacle may be perceived as a “condition” and not as a “conditioning” and whose “rules” may emerge from the game itself

– sustained by the “consistency” – rather than by the “coherence” – of what is lived and shared.

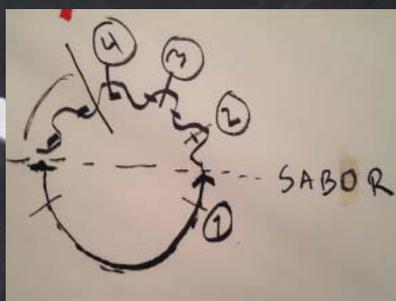
The activation of this other operating mode happens therefore in the passage from “knowing why” to “savouring what”: that which is in the environment of the encounter with the unexpected, which manifests as a window of opportunity to turn away from expectation, allowing the very event to tell us “what it tastes like”. In this game it is no longer the situation around that occupies the place of what is expected; we ourselves get into a “standby mode”. The first (and perhaps the only) gesture is exactly this one: to stop. Or rather, to “stop-again”: to stop anew there where the accident interrupts and interrupts us.

As we are challenged by the unexpected, at any scale – be it the scale of major accidents or that of small unpredicted things – “starting up this stop” then consists in predisposing ourselves to suspend the pattern reaction of (already) knowing or knowing again, and take this as yet unnamed “what” – with no past to give it a cause or a future to give it a goal – as a middle.

Once we are able to “stop-again” the middle becomes tangible. Because to “stop-again” is also and almost immediately to notice the surroundings, the situational factors whose interrelations emerge as the webs of an immense and immersive living map: unlike the linear woofs of expectant-narratives (which operate by development rather than by involvement), these webs don’t produce history but geography: they operate by (un)folding. We are right in the middle: we are what we have and what has us, in a reciprocal implication that makes us, along with the accident, at once space, time, matter, and relation. On this ground, knowledge is useless – except to the extent that it is also, just like everything around, a matter that can be savoured and worked on. Knowing doesn’t allow us to take notice but only to “look” (an operation meant to acknowledge the why) or “see”

(the operation that interprets the why). Yet when we are able to “handle the in-betweenness”, when we are able to handle not-knowing, the gesture of stopping-again-and-noticing is activated: no longer a quest for answers, but a navigation throughout the questions that the here-and-now web of relations has to offer. Noticing and savouring are an experience that happens in immediate closeness to “what” there is. While the operation of looking/seeing/knowing produces separation and scission between the subject (of the narrative-knowledge) and the object (that is narrated-known), noticing/savouring can only be “accomplished” (in the double sense of taking place and of taking the place into account) as an act of coming closer, of contact, relation: as an act of de-scission. It is “together” that we stop-again and notice.

For noticing and savouring to take place as a “mode of doing” and as a “how”, one has to start by not answering this “how”. For as we ask “how” – How to live together? How not to have an idea? – we always (seriously) risk replying and thus finding ourselves back in the knowledge game. Hence the tactic: to every question, a re-question. Inside (or outside) of each question “how?”, (re)ask about the “what”, “where” and “when” of each situation – and at the same time cleverly drift away from the interrogative forms we are most used to practice: “who?” and “why?”. In this way, a short pathway to the game as (un)folding spiral may emerge: What, in what is there? How, with this what? Where-when, with this how? Questions to be concretised every time you play, not to be answered, but situated, getting in position with the position of what envelops us. Getting in “com-position”.



As ferramentas-conceito: como viver juntos?

O jogo começa quando nos deixamos apanhar pelo imprevisível. Se quisermos ser rigorosos em tomar a vida na sua condição de “constante inconstância” acidentada, o jogo poderia, então, virtualmente, começar a cada instante e em qualquer momento. Mas o acidente só se cumpre como tal na medida em que é “usado”; por isso, para que o jogo comece é preciso fazer do imprevisível uma “zona de atenção”, um lugar de encontro em potência: não basta que o acidente nos interrompa, é preciso que reparemos nessa interrupção.

Existem dois espaços-modulações para acionar este acidente-encontro, a partir dos terrenos de prática da dança e da antropologia. Por um lado, temos o espaço laboratorial concedido pelo dispositivo do atelier/estúdio; por outro lado, podemos trabalhar no plano da “vida vivida” tomada como campo etnográfico.

O laboratório permite-nos acionar aquilo a que chamamos a “escala maquete”, enquanto o trabalho de campo dá-nos acesso ao jogo à “escala humana”. Essas “escalas” correspondem a diferentes cortes fractais, que entretanto, operam do mesmo modo no que se refere ao seu funcionamento. O “modo” como nos implicamos e o ativar do trabalho de re-parar e reparar ativa, ao mesmo tempo, seja em que escala for, um viver da vida – negociação permanente com a imprevisibilidade – e um laboratório de investigação do viver juntos.

A diferença entre a maquete e o trabalho em campo, a haver, estará no modo como a “zona de atenção” – o intervalo entre a manifestação e a percepção do evento imprevisível que funciona como ponto de partida para o jogo das perguntas – irrompe e se instala. Enquanto que na escala humana dos acontecimentos quotidianos, o “enquadrar” do evento pela nossa percepção acontece a meio e no meio de qualquer coisa, na escala maquete do laboratório é necessário

esperar pela primeira tomada de posição de um dos “jogadores” para que o acidente irrompa para os demais. Essa Primeira Posição inaugura a com-posição colectiva, através do desdobrar de uma “regulação imanente” e comum. Como em qualquer processo de improvisação, uma vez instalada a Primeira Posição, na vida ou no estúdio, ninguém controla de antemão o que cada “jogador/agente” fará, nem o que será feito do que cada um faz. Mas, ao contrário de uma improvisação tradicional, cujo código passa em grande medida pela liberdade individual arbitrária – ao ponto de raras vezes se chegar a jogar “com” alguém, sendo o resultado mais comum a soma de um conjunto de propostas contíguas, mas não coexistentes – cada posição, neste caso, é tomada em relação com as “propriedades-possibilidades” da posição precedente (após a primeira posição) e da relação precedente (após a segunda posição). Este procedimento não é mais do que uma tática para “nos protegemos de nós próprios”. Só assim a partilha deixa de ter um sentido-significado, para passar a ter um sentido-direção.

Quando jogamos o “jogo do saber”, o “comum” é pensado enquanto código pré-existente (e, de preferência, consensual): para se jogar precisamos de saber um conjunto de regras e, em seguida, reproduzi-las. Quando nos dispomos a jogar o “jogo do sabor”, o primeiro trabalho é “encontrar o jogo” (ou a direção comum) a partir do que temos e de onde estamos: um plano de convivência para as diferenças que trazemos para o encontro, feito dos encaixes possíveis entre elas (um plano, portanto, “dissensual”). Isto perfaz todo um primeiro trabalho em torno do viver juntos, através duma entrada em com-posição situacional e negociada com o colectivo.

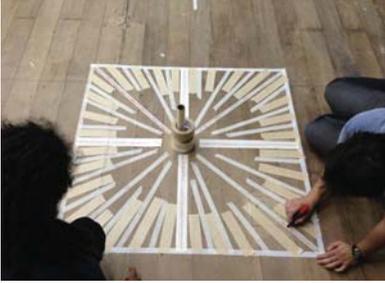
Como neste jogo não há regras pressupostas, esta negociação só pode ser feita com o que há (e não com o que gostaríamos que houvesse). Assim, desde logo precisamos de estar atentos à temporalidade da própria situação, pois

esta funciona, simultaneamente, enquanto componente e enquanto condição de tudo o que há. Ou seja, todo este trabalho de com-posição não se pode impor como “pausa artificial”, tendo, ao contrário, de encontrar tempo “dentro do próprio tempo” para se realizar. Viver juntos dá-se (ou não se dá) em “tempo real”: e este não consiste numa linearidade objectiva universal, mas no tempo realizado pela emergência própria do evento, na duração da “autonomia de voo” de cada situação.

Sensibilidade às Condições Iniciais

É dentro da zona de autonomia entre as posições – o intervalo temporal dentro do qual uma posição autónoma repete-se a si própria sem diferir – que podemos re-parar e reparar. É este o tempo real que temos para aceitar o acidente, investigar os encaixes possíveis com aquilo que temos a oferecer e nos prontificar para retribuir. Todo um ciclo de “dar-receber-retribuir” pode caber neste intervalo entre o sermos convocados a agir e a ação em si. De modo a explorarmos todas as potencialidades do encontro e do próprio intervalo de modo justo, o empenho proposto é que utilizemos este tempo para nos dedicarmos a um trabalho de des-cisão, do qual a decisão possa emergir como consequência, deixando de ser a causa das nossas ações. Este trabalho não é senão a tarefa de reparar, deixando de lado, o quando antes, o impulso de “já saber” ou de pretender “descobrir” o que o acidente “é” ou “quer dizer”. Que gastemos este intervalo para voltar a parar, renunciando à facilidade de tomar o entorno como um conjunto de fragmentos (partes de um código maior que lhes daria sentido) para, em alternativa, nos dedicarmos ao trabalho de “desfragmentação” ou “fractalização” que opera dentro da espiral “quê-como-onde-quando”.

Para isto é preciso deixar de repartir o presente entre elementos subjetivos e objetivos: entre aquilo que o “eu” pensa/sente/quer/imagina e a suposta



The conceptual-tools: how to live together?

The game starts when we let ourselves get caught by the unpredictable. If we want to be rigorous about taking life in its condition of accidented “constant inconstancy”, the game could then virtually start every moment and any time. But the accident is only accomplished as such when it is “used”; so in order to start the game you need to turn the unpredictable into a “zone of attention”, a potential meeting point: it is not enough that the accident interrupts us, we have to notice that interruption.

There are two modulation-spaces to trigger this encounter-accident, within the fields of dance and anthropology practices. On the one hand we have the laboratorial space provided by the atelier/studio apparatus; on the other hand we can work at the level of “lived life” taken as an ethnographic field.

The laboratory allows us to trigger what we call a “maquette scale”, while the fieldwork gives us access to the game on a “human scale”. These “scales” correspond to different fractal cuts, though they

operate in the same manner with regard to their functioning. The “mode” in which we get involved and the activation of the work of stopping-again to notice also triggers, on whatever scale, a way of living life – a continuous negotiation with unpredictability – and a research laboratory of living together.

The difference between the model and the fieldwork, if there is one, will be in how the “zone of attention” – the interval between the manifestation and the perception of the unpredicted event that works as the starting point for the question game – erupts and settles down. While on the human scale of everyday events the “framing” of the event by our perception happens by the middle and in the milieu of something, on the model scale of the laboratory we have to wait that one of the “players” takes position for the accident to irrupt for others. That First Position inaugurates the collective com-position through the unfolding of a common “immanent regulation”. As in any improvisation process, once the First

Position is installed, in life or in the studio, nobody controls beforehand what each “player/agent” will do, or what will be made from what each of them does. But unlike a traditional improvisation, whose code largely amounts to the arbitrary individual freedom – so much that you hardly ever get to play “with” somebody, the most common result equalling the sum of a set of contiguous but not coexisting proposals – each position is in this case taken in relation to the “possibilities-properties” of the previous position (after the first one), and in relation to the preceding relation (after the second position). This procedure is just a tactic to “protect us from ourselves”. Only in this way can sharing no longer have a meaning-sense, to engage in a direction-sense.

When we play the “game of knowledge”, the “common” is thought of as a pre-existing (preferably consensual) code: in order to play you have to know a set of rules and then play them back. When we are willing to play the “flavour game”, our first work is to “find the game” (or a common direction) from what we have and where we are: a plane of conviviality for the differences we bring to the encounter, made of the possible fittings between them (a “dissensual” plane then). This makes up a whole first work around the issue of living together, by means of a situational com-position to be negotiated with the collective.

As there are no presupposed rules in this game, this negotiation can only be made with what is there (and not with what we would like to be there). So from the start we have to be aware of the temporality of the situation itself, for it works both as a component and as a condition for everything which is there. That is to say, all this work of com-position cannot be imposed as an “artificial break”; in order to be accomplished, it has instead to find time “within time itself”. Living together happens (or not) in “real time”: and real time doesn’t correspond to a universal objective linearity, but to time performed by the very emergence of the event, within the duration of the “autonomy of flight” of each situation.

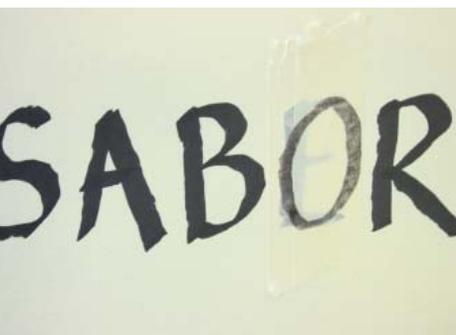
Sensitivity to Initial Conditions

It is within the area of autonomy between positions – the time interval within which an autonomous position repeats itself without differing – that we can stop-again and notice. This is the real time we have to accept the accident, investigate possible fittings with what we have to offer, and get ready to give back. A whole cycle of “give-receive-give-back” can fit in this

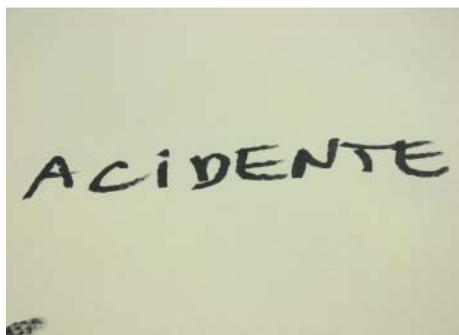
“objetividade” dos “objetos”. Não se trata de listar as “propriedades” do entorno, nem as “possibilidades” de “pontos de vista”. Antes, trata-se de fazer um inventário das “propriedades-possibilidades” da relação, encaixes em potência entre os relevos e tendências contingentes ali manifestos, que fazem da situação um campo de forças. Um inventário das affordances que emergem do encontro com a Primeira Posição e, dentre elas, daquelas que carreguem como tendência a “intensidade extensiva” e a “extensividade intensiva” (nem só extensividade, nem só intensidade). E reparar nas affordances não é uma reflexão separada à tomada de ação, é já

uma “pensação”, um colocar-se junto e “com”, um “hologramar” do corpo-a-corpo com o entorno, um fazer que difere de sua execução apenas em densidade, não em natureza.

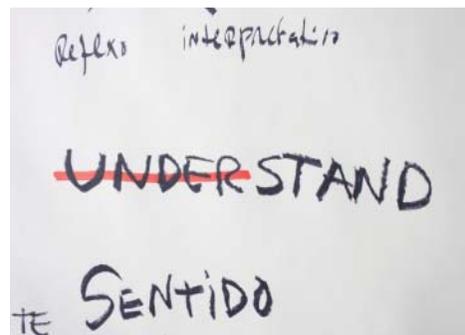
Esta é a paragem-movimento que se desdobra entre a Primeira e aquela que será, ao mesmo tempo, a Segunda Posição e a Primeira Relação do jogo. Somente depois de tomada a Segunda Posição é que, retroactivamente, a Primeira Posição ganha corpo e é (contra-)efectuada, na medida em que, de todos os mundos possíveis que o encontro-acidente carrega consigo, apenas um será ativado.



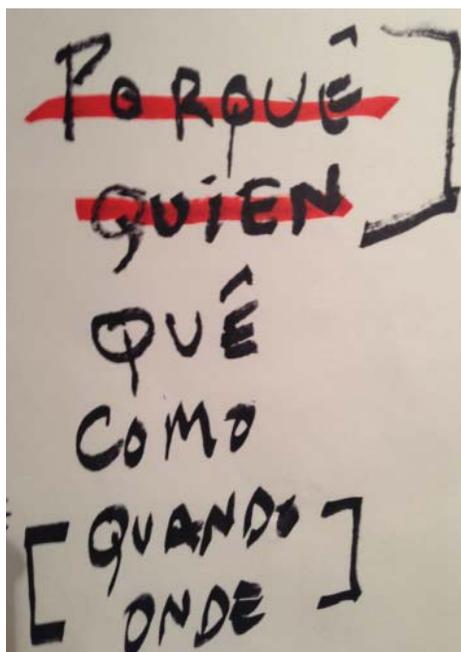
SABOR



ACIDENTE



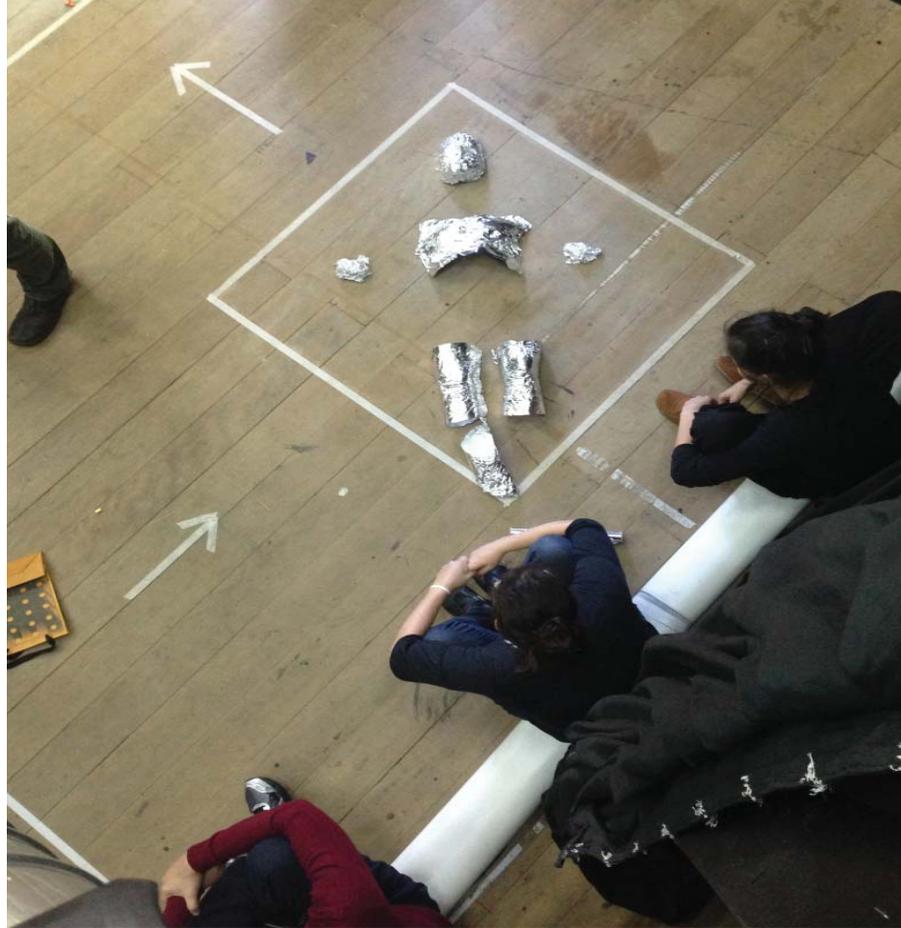
Reflexo interpretativo
~~UNDERSTAND~~
TE SENTIDO



~~PORQUÊ~~
~~QUIEN~~
QUÊ
COMO
[QUANDO]
ONDE

Encontrar o Jogo: o Plano Comum

Temos então uma primeira relação entre duas posições; uma primeira com-posição. Dela, mais uma vez, emergem novas affordances, um pouco mais complexas de serem reparadas, porque já não se trata de reparar no que uma posição autónoma oferece, mas na relação entre posições autónomas, naquilo que sustentam em co-dependência, na ambiência entre elas. O nosso trabalho, aqui, é o de encontrar uma brecha para estabelecer uma relação com esta relação: a Terceira Posição será, assim, simultaneamente a Segunda Relação. “Relação de relações”, o que equivale dizer: entrada em plano comum. Se a Segunda Posição funciona como “sugestão” de um possível plano comum, a Terceira Posição tem a responsabilidade de “realizá-lo” – no duplo sentido de “dar-se conta” e “dar-lhe corpo”. Assim, o encontrar do jogo – ou o ser encontrado pelo jogo – envolve um mínimo de três posições. E isto porque é também este o mínimo para que emirjam duas relações: uma relação (entre a Primeira e a Segunda Posição) e uma relação com esta relação (entre a Terceira Posição e a Primeira Relação). Evitar o desperdício é parte crucial da “ética da suficiência” que atravessa



interval between being invited to act and the action itself.

In order to explore the full potential of the encounter and of the very interval in a fair way, the proposed commitment is that we use this time to dedicate ourselves to the work of des-scission, out of which the decision may emerge as a consequence, no longer being the cause of our actions. This work is no other than the task of noticing, leaving aside, as soon as possible, the urge to “already know” or the pretention to “discover” what the accident “is” or “means”. Let us spend this interval stopping-again, declining the ease of taking the encounter as a set of fragments (pieces of a larger code that would give them a sense) to alternatively commit ourselves to the work of “defragmentation” or “fractalization” that operates within the spiral of “what-how-where-when”.

To make this happen we have to stop dividing the present into subjective and objective elements: between what the “I” thinks/feels/wants/imagines and the supposed “objectivity” of “objects”. This is neither about listing the “properties” of the environment nor the “possibilities” of “points of view”. Rather, it is about making an inventory of the “possibilities-properties” of the relation, of the potential fittings between the reliefs and the contingent tendencies that manifest there and turn the situation into a force field. An

inventory of the affordances that emerge from the encounter with the First Position and, among them, those that carry as a tendency an “extensive intensity” and an “intensive extensiveness” (neither only extensiveness, nor only intensity). To notice the affordances is not a reflection separated from taking action; it is already a “thinking-action”, a gesture of putting-together and “with”, “hologramming” a body-to-body with the environment, a making that only differs from its execution in density, not in nature.

This is the stop-motion unfolding between the First Position and what will be at once the Second Position and the First Relation of the game. Only after the Second Position has been taken, can the First Position retroactively take shape and be (counter)effectuated, in the sense that of all the possible worlds that the accident-encounter brings about, only one will be activated.

Finding the Game: the Common Plane

So we have a first relation between two positions; a first com-position. From that relation, new affordances emerge once again, a little more complex to notice, because it is no longer a matter of noticing what an autonomous position offers, but the relation between autonomous positions – what they sustain in co-dependency, the ambiance between them.

Our work here is to find a breach where to establish a relation with that relation: thus the Third Position is also the Second Relation. “Relation of relations”, which is to say: getting in the common plane. If the Second Position works as a “suggestion” for a possible common plane, the Third Position has the responsibility to “accomplish” it – in the double sense of “taking it into account” and “embodying it”. Hence finding the game – or being found by the game – implies a minimum of three positions. For this is also the minimum required for two relations to emerge: a relation (between the First and the Second Position) and a relation with that relation (between the Third Position and the First Relation).

To avoid waste is a crucial part of the “ethics of sufficiency” that concerns the whole game. To do with what we have and “diminish” assumptions, control and manipulation, replacing them by a fair positioning and a careful handling, as well as by a mode of being in which the players are first of all gamekeepers (not authors) of the event. Guidelines based on “competence” and “efficiency” – which characterise competitive games – are out of the frame of this game, since here you can only win what you accept to lose, and you only win when everybody wins. If three positions and two relations are enough to find a game/common plane, our work is to create the conditions for



todo este jogo. Fazer com o que temos e “menorizar” a pressuposição, o controlo e a manipulação, substituindo-os por um posicionamento justo e pelo manuseamento atento, bem como por um modo de estar no qual os jogadores são antes de mais gamekeepers (e não autores) do acontecimento. Saem do quadro deste jogo as orientações baseadas na “competência” e na “eficiência” – modos de estar dos jogos competitivos – uma vez que aqui só se pode ganhar o que se aceita perder e só se ganha quando todos ganham.

Se são suficientes três posições e duas relações para encontrar um jogo/plano comum, o nosso trabalho é criar as condições para que estas emirjam neste intervalo mínimo, de modo a que possamos, o quanto antes, dar início ao jogo. Isto é: a viver juntos. E viver juntos será, no quadro da ética e dos procedimentos propostos, tão somente “adiar o fim”. Demorarmo-nos a encontrar do jogo seria adiar não o fim, mas o início – e isto é justo o que costumamos experimentar nos “jogos do saber”, que raramente chegam a saborear a experiência do “juntos”.

Jogar o Jogo: Adiar o Fim, Aceitar o Fim, Antecipar o Fim

Uma vez encontrado o plano comum ou o sentido-direção do jogo, o “trabalho do reparar” transfere-se para uma dimensão infinitesimal. Nesta escala não se trata mais de re-parar antes de tomar uma posição, mas dentro e fora de cada uma delas. O ritmo e os tempos já estão clarificados, na cadência mesma do acontecimento comum, de modo que o trabalho “menoriza-se” no manuseamento das doses (quantidades não-qualitativas) de repetição e diferença que o acontecimento “precisa” para se manter em (des)dobramento. Aí entra uma terceira modulação do reparar: para além do voltar a parar (re-parar) e do notar (reparar) das affordances, o trabalho da “reparação”.

Esta reparação consiste na “repetição diferenciada”. Assim, a cada nova

“jogada”, ao mesmo tempo que permanecemos no interior do plano comum, reposicionamo-nos através de subtis “mudanças de centro”, capazes de preservar o dis-senso, ou seja, a elasticidade da direção partilhada. A reparação, portanto, toma a forma de um constante “reabilitar para o uso” daquilo que temos, de modo a nos mantermos uns com os outros: “consertar” para “concertar”. Para isso, é importante que essa reparação aconteça “atempadamente”, sem recair num “remediar tardio”. Reparar e não salvar; trabalhar pelo justo e não pela justiça; pela responsabilização e não pelo arrendimento.

Neste trabalho de “precisão” (nem menos, nem mais) e “prontidão” (nem antes, nem depois), a nossa atenção concentra-se em não nos deixarmos apanhar pelo saber, que poderia converter o plano comum em plano consensual e a precisão do acontecimento em “necessidade”, estancando o espiral do jogo das perguntas num andar em círculos à volta da resposta. Este cuidado, crucial para a preservação da dimensão de regulação imanente do jogo, evita que as condições iniciais do encontro, que nos serviram para chegar a um sentido-direção partilhado, sejam capturadas pela máquina da explicação/interpretação e do sentido-significado, enrijecendo-se sob a forma de condicionantes. Através dele podemos nos proteger de fabricar coerência em relação ao que se passa, uma coerência que carregaria consigo, via expectativa, a fixação dos passos seguintes.

É isso “adiar o fim”: adensar a consistência deste “jogar do jogo” sem que ele descaiba em coerência. E, por isto mesmo, para se adiar o fim tem que se começar por “aceitar o fim”. É a nossa capacidade e clareza em acolher um plano comum na sua condição de “finito” que nos protege que ele sobrevenha em lei. Pois começar a relação com a promessa ou a pretensão de um “para sempre” imposto por decreto teria como consequência restituir os velhos papéis marcados, condensar expectativas e autorizar toda a panóplia de acusações e cobranças

com base num “deve ser”. Bloqueamos a nossa capacidade de seguir reparando, já que restringimos a com-posição ao “limite-contorno” da lei: ao mesmo tempo que proclamamos um “infinito”, o convertemos em “limitado”. Por fim, as quantidades de diferença em relação tornam-se qualidades demarcadas, e as tomadas de posição deixam de ter margem de manobra para repetir diferindo; está instalado o círculo do looping: a paragem enquanto resistência e acusação ou enquanto desistência e resignação.

Adiar o fim é, por isso, um trabalho com o ilimitado, com o alargar em espiral dos “limites-tensão” da direção comum, realizando o seu prolongamento na medida da sua “meta-estabilidade”. É, portanto, um trabalho com o “finito”: dentro do ciclo de vida da situação ou do espaço-tempo da sua autonomia. A clareza da finitude é o que permite o envolvimento responsável no manuseamento daquilo que se tem e o compromisso em comparecer de modo atempado e justo. Essa clareza é também o instrumento que possibilita a prática concreta da suficiência, trabalhando para que o fim não se consuma na vertigem do descarte e do desperdício, mas se alargue em duração.

Mas, para adiar o fim, não basta aceitá-lo. O “jogar do jogo” na duração é feito também e em simultâneo a um outro movimento imóvel: o de se “antecipar o fim”. Este trabalho antecipatório nada tem que ver com precipitação, antes o contrário. Consiste no alargamento e na distribuição da atenção entre aquilo que se realiza – a complexidade da duração e a densificação da relação – e o conjunto de possíveis e impossíveis, a cada vez, que não para de se atualizar. “Antecipar o fim” envolve um empenho para que a “concentração” no gamekeeping do jogo (o trabalho a ser feito no interior de cada posição) se faça acompanhar pelo “espalhamento” da clareza (o trabalho a ser feito no exterior de cada posição), de modo a que sejamos capazes de acolher e dar-nos conta dos “sinais virtuais”: as quantidades de diferença

them to emerge in the shortest time lapse, so that we can, as soon as possible, start the game. In short: start living together. And living together, in the context of the ethics and proposed procedures, will be all about “postponing the end”. Taking too long to find the game would not be about postponing the end but the beginning – and this is exactly what we usually experience in “knowledge games”, which seldom get to savour the experience of “togetherness”.

Playing the Game: Postponing the End, Accepting the End, Anticipating the End

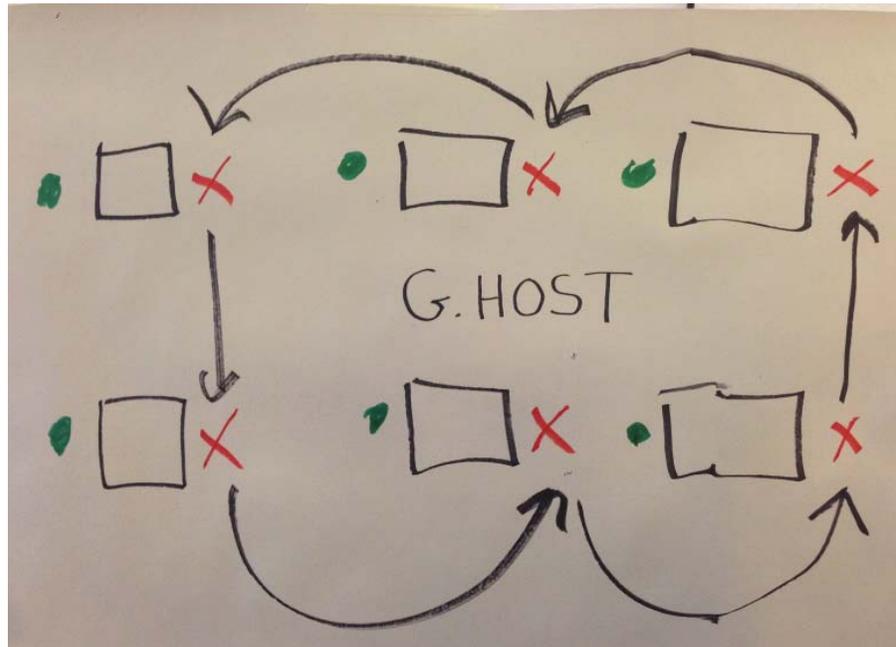
Once the common plane or direction-sense of the game has been found, the “work of noticing” moves into an infinitesimal dimension. On this scale it is no longer about stopping-again before taking a position, but about stopping-again in and out of each of them. The rhythm and the pace have already been clarified in the very cadence of the common event, so that the work is “diminished” in the handling of the amounts (non qualitative quantities) of repetition and difference that the event “needs” to keep (un)folding. Then comes a third modulation of noticing [“reparar”]: apart from stopping-again [“re-parar”] and noticing [“reparar”] the affordances, there is the work of “repairing” [“reparação”].

The work of repairing consists in “differentiated repetition”. So with each new “move”, while remaining within the common plane, we reposition ourselves through subtle “focus changes” capable of preserving the dis-sensus, i.e. the elasticity of the shared direction. Repairing thus takes the form of a constant “rehabilitation for use” of what we have, in order to keep us with one another: “repair” [“consertar”] in order to “consult each other” [“concertar”]. For this to happen, it is important that repairing occurs “on time”, without falling into a “late remediation”. Repairing and not saving; working through fairness rather than justice; through accountability rather than repentance.

In this work of “precision” (neither less, nor more) and “readiness” (neither before, nor after), our attention is focused on not letting us get caught by knowledge, which could convert the common plane into a consensual plane, and the precision of the event into “necessity”, reducing the spiralling of the question game to a circling around the answer. This concern, which is crucial to preserve the dimension of regulation that is immanent to the game, prevents the initial conditions of the encounter – which allowed us to reach

a shared direction-sense – from being captured by the machine of explanation/ interpretation and meaning-sense, and stultified under the form of constraints. With it we can protect ourselves from fabricating coherence in relation to what happens, a coherence that would make us set the next steps via expectation. That is what “postponing the end” is about: thickening the consistency of the very “playing the game”, without letting it fall into coherence. For this reason, postponing the end has to start by “accepting the end”. It is our lucidity and

extension to the extent of its “meta-stability”. It is therefore a work with the “finite”: within the lifecycle of the situation or the space-time of its autonomy. The lucidity of finitude is what allows the responsible engagement in handling what we have, and the commitment to attend it timely and fairly. That lucidity is also the device that allows for the concrete practice of sufficiency, working for the end not to be consumed in the vertigo of dumping and waste, but to extend in duration. Yet to postpone the end it is not enough that we accept it. “Playing the game” in



capacity to welcome a common plane in its “finite” condition that protects us from transforming it in a law. Since starting the relation by the promise or claim of some kind of “forever” imposed by decree would mean to restore the old predetermined roles, to increase expectations and authorize the whole panoply of accusations and charges based on a “should be”. We would block up our capacity to keep repairing, since we would restrict the composition to the “contour-limit” of the law: proclaiming an “infinite”, we would convert it into a “limited”. Ultimately, the quantities of difference would become delineated qualities, and the position takings would no longer have manoeuvre room to repeat while differing; the looping circle would be installed: the stop as resistance and accusation or as withdrawal and resignation. Postponing the end is therefore a work with the unlimited, with the spiralled widening of the “tension-limits” of the common direction, accomplishing its

duration is also simultaneous with another still movement: the one to “anticipate the end”. This anticipatory work has nothing to do with precipitation, on the contrary. It consists in the widening and distribution of attention between what is accomplished – the complexity of duration and the densification of the relation – and the set of possibles and impossibles that never stops actualising. “Anticipating the end” requires a commitment, so that the “concentration” on gamekeeping the game (the work to be done within each position) is accompanied by the “spreading” of lucidity (the work to be done in the exterior of each position), so that we are able to welcome and take the “virtual signs” into account: the amounts of difference that are not yet effectuated in the common plane, which fail to meet it in terms of density only, but nevertheless keep crossing it. To intercept signs, admit them without reacting right away: this is what anticipating the end is about. In other words, anticipating the end is

ainda não efectuadas no plano comum, que desencontram dele tão somente em densidade, mas que não cessam de atravessá-lo. Interceptar os sinais, admiti-los mas sem reagir a eles de imediato: é isto antecipar o fim. Ou seja, e em última análise, antecipar o fim não é mais do que “gerir diferenças” em vez de “gerar diferenças”.

É através da ativação desta atenção distribuída – awareness mais do que consciência – que podemos interceptar a diferença ainda em estado imperceptível, antes mesmo que ela tome “corpo de consequência”. Esta operação permite-nos recolher em constante inventário as diferenças que emergem da repetição enquanto jogamos. Habilita-nos, também, a manusear esta matéria de diferenças emergentes, fazendo delas matéria e combustível para seguirmos juntos adiando o fim. Pois, se para seguirmos juntos precisamos de preservar o plano comum, para preservar o plano comum precisamos, de quando em quando, de mudar. Mudar de centro a cada jogada, mas também “mudar de plano” quando for “preciso” – no sentido de justo e não de necessário. Sim, “adiar o fim” faz-se “aceitando o fim”: não apenas admitindo o plano comum como finito mal ele se estabelece, mas também acolhendo o fim quando ele sobrevem, por esgotamento ou saturação. Os sinais recolhidos no trabalho de antecipação indicam-nos, se estivermos atentos, a justeza da hora de parar. Se pudermos acolhê-los e fazer do próprio “ponto de situação” o critério da situação, estaremos prontos para fazer desta hora de parar, mais uma vez, um “re-parar”. Para assim fazer do fim um novo “meio”, encontrar um novo início de jogo e prolongar o desejo (e não o prazer) de se viver juntos.

Os conceitos-ferramenta: como não ter uma ideia?

O jogo da pergunta “como não ter uma ideia?” pode ser encontrado em diferentes recortes fractais. Por um lado, é “interior” ao jogo “como viver juntos?”, acontecendo em tempo real no intervalo entre cada tomada de posição – é, portanto, um “jogo que se joga durante o jogo”, que se desenrola em cada jogador. Por outro lado, é “anterior” ao jogo (e “posterior”, pois em espiral o fim é também início), podendo aí ser descrito e vivido de diversas maneiras: amplamente falando, “não ter uma ideia” funciona como condição para se viver juntos, de modo que é este o jogo que precisamos jogar para, a cada vez, (re)aprender a oferecer aquilo que temos em relação com aquilo por que somos tidos. E este trabalho tanto pode ser o

artesanato que nos permite propor uma Primeira Posição para o jogo colectivo – na vida-laboratório ou no laboratório-vida – como pode dar lugar a um outro modo de experimentar o ato criativo individual. O modo mais corrente pelo qual se entende a criação – seja no modelo bíblico da criação “a partir do zero”, seja na concepção romântica da criação como rompante autoral – parte da ideia. Ou, melhor dizendo: restringe-se à ideia. Esta é uma das muitas vias pelas quais chegamos ao conjunto das “cisões” modernas, assim como à manutenção, como ponto cego dos nossos esquemas de vida, de alguma “transcendência” a afiançar os nossos atos. Que a execução siga a ideia, permanecendo invariavelmente aquém dela. E que a ideia surja “do nada” – para Deus ou para os deuses-indivíduos, e especialmente, dentre estes, para os deuses-autores. Com este género de pressuposição, mesmo antes de fazer seja o que for, já começamos a nossa relação com o mundo em dívida para com a transcendência da ideia-modelo. E, neste caso, o jogo que se aciona é de soma ou diminuição: de competição, não de cooperação, seja com o outro ou com o entorno, ambos, em algum grau, objetificados.

Por estarmos todos mais ou menos imersos neste esquema, o jogo do “como não ter uma ideia?” envolve o mais complexo dos desafios: sermos capazes de jogar com a matéria daquilo a que chamamos “eu”. De reabilitar para o “uso” aquilo que está antes desenhado para o “abuso”. A complexidade desta tarefa está no facto de que mesmo antes de começar a jogar, precisamos de desfragmentar ou fractalizar este “eu” e re-encontrar enquanto “forças” aquilo que nos move enquanto “seres” - aquilo que o “esquema da ideia” já tratou de formatar em cliché: os nossos afectos e desejos. Se, para não se ter uma ideia é preciso multiplicar o “eu” dividindo-o (ou dividi-lo, multiplicando-o), fica claro que viver juntos funciona, também e reciprocamente, como condição para não se ter uma ideia. Trata-se de uma só operação, portanto, a das duas perguntas – que, entretanto, a escala na qual as jogamos (a do “eu” ou a do “grupo”) não para de reformular.

Isso que nos encontra: o afecto-pergunta

Também neste jogo começamos pelo “meio”, por aquilo que nos cerca, nos atravessa e nos faz: a matéria dos nossos afectos. O “Isso” inominável que, contudo, assume forma de “Isto” a cada vez que é partilhado. E não poderia ser de outra maneira, pois a criação de um artefacto é um ato de “oferecer” – e, uma vez que



ultimately no more than “managing differences” instead of “generating differences”.

It is through the activation of this distributed attention – awareness, more than consciousness – that we can intercept the yet imperceptible difference, even before it takes “body of consequence”. This operation allows us to constantly gather in an inventory the differences that emerge from repetition as we play. It also enables us to handle the matter of emerging differences, turning them into the matter and fuel to keep postponing the end together. For if in order to keep going together we have to preserve the common plane, in order to preserve the common plane we have to change from time to time. Change focus on each move, but also “change plane” when “needed” – in the sense of just fair and not in the sense of necessity.

Indeed, “postponing the end” is about “accepting the end”: not only admitting the “finitude” of the common plane as soon as it establishes itself, but also welcoming the end when it comes about, by exhaustion or saturation. If we are attentive, the signs collected in the work of anticipation show us when the right time to stop comes. If we can accept them and turn the very “state of play” into the criterion of the situation, we will be ready to turn the time to stop, once again, into “stopping-again”. In order to turn the end into a new “milieu”, finding a new game beginning and extending the desire (not the pleasure) to live together.

The tool-concepts: how not to have an idea?

The game of the question “how not to have an idea?” can be found in different fractal cuts. On the one hand, it is “interior” to the game “how to live together?”, happening in real time in the interval between each position taking – it is therefore a “game that is played during the game”, which unfolds in each player. On the other hand, it is “anterior” to the game (and “posterior”, as in a spiral the end is also the beginning), and can then be described and lived in several ways: broadly speaking, “not to have an idea” works as a condition to live together, so that this is the game we have to play to (re)learn, each time, how to offer what we have in relation to that for which we are taken. And this work can both be the handicraft that allows us to propose a First Position for the collective game – in the life-laboratory or in the laboratory-life – and give rise to another way of experimenting the individual creative act. The most common way of understanding

creation – both in the biblical pattern of creation “from scratch”, and in the romantic conception of creation as authorial irruption – is predicated on the idea. Or rather: it is confined to the idea. This is one of the many ways in which we got to the set of modern “scissions”, as well as to the maintenance, as the blind spot of our living patterns, of some “transcendence” meant to secure our actions. Execution is bound to follow the idea, invariably falling short of it. And the idea is bound to arise “from nothing” – for God or the individual-gods and especially for the author-gods among them. With this kind of assumption, we already start our relation to the world in debt towards the transcendence of the model-idea, even before we have done anything. And in this case the game that is activated is a game of addition or subtraction: a game of competition, not of cooperation, either with each other or with the environment, both objectified to some degree.

Because we are all more or less immersed in this scheme, the game of “how not to have an idea?” requires the most complex of challenges: being able to play with the matter of what we call “I”. To rehabilitate for “use” what is rather designed for “abuse”. The complexity of this task is the fact that even before we start playing, we have to defragment or fractalize that “I” and re-find what are the “forces” that move us as “beings” – what “the scheme of the idea” has already formatted in a cliché: our affects and desires. If, in order to not have an idea you have to multiply the “I” as you divide it (or divide it as you multiply it), it is clear that living together reciprocally works, too, as a condition to not have an idea. This is therefore a single operation involving two questions – which is however constantly reformulated by the scale on which we play them (that of the “I” or of the “group”).

That which finds us: the question-affect

In this game we also start by the “milieu”, by what surrounds, runs across, and makes us: the matter of our affects. The unspeakable “That”, which nevertheless takes the form of “This” every time it is shared. And it could not be otherwise, because the creation of an artefact is an act of “giving” – and since “we can only give what we have”, our affects are all we have (and all that has us).

In the meantime, before we rush to have an idea of the affects we have, a project, a work to be offered, we should realise that the relation to the matter of affect is first of all about the capacity we have to “receive” – and that offering the “work” is, therefore, more of a “return” than a

“só se pode dar o que se tem”, os nossos afectos são tudo o que temos (e tudo o que nos têm).

Entretanto, e antes que nos apressemos a fazer dos afectos que temos uma ideia, um projeto, uma obra a ser oferecida, convém percebermos que a relação com esta matéria dos afectos passa primeiro pela capacidade que temos de “receber” – e que a oferta da “obra” é, assim, mais um “retribuir” do que um “dar”. Pois são encontros, os afectos: são, ao mesmo tempo, aquilo que temos de mais próprio e de mais alheio. E não os escolhemos, os afectos: somos encontrados por eles. De modo que, também eles são acidentes que nos interrompem de quando em vez, sob a forma de inquietação – uma inquietação que detona aquilo a que chamamos de processo criativo.

O problema é que mal as inquietações emergem, a nossa tendência é apartarmos-nos delas – e não fazer “com” elas. Mal emergem, percebemo-las e assimilamo-las como ideias. Dito de outro modo, mal nos damos a oportunidade de conviver com o “Isso” nesta sua condição de inefável: muitas vezes, já o experimentamos via os canais dos nossos clichés, já o experimentamos como “Isto” decifrado. Não aguentamos tempo suficiente para inibir o hábito de decifrar, dizer, diagnosticar, interpretar, saber – e, assim, desativamos a hipótese de serem elas, as inquietações que nos afectam, a nos dizerem “a que sabem”. Tornadas inspiração, idealização ou modelo, amparam a nossa “intenção”. E, de posse já não do afecto mas dessa “intenção”, o nosso processo criativo toma o trilho da representação: obra “sobre” a ideia “implícita” e não artefacto “com” o afecto “explícito”. Pior ainda: de posse dessa “intenção”, já não podemos reparar na “inclinação” do terreno-afecto, no sentido-direção para o qual ele tende e nos convida. Já estamos, tão depressa, mergulhados na decifração do sentido-significado pessoal que aquela inquietação nos desperta. Já estamos, tão depressa, na viagem da “ilusão biográfica”, trabalhando para produzir um “efeito” a partir desse afecto que tão logo tomamos como “causa”.

O problema é que os critérios pessoais da intenção só por uma feliz coincidência permitem que a “obra” funcione como ocasião de partilha, posto que a inscrevem na constelação dos códigos e significados individuais de quem a faz. De modo que, como Primeira Posição, emerge um fragmento “fechado” e “completo” em si mesmo ou, quando muito, “aberto” porque “incompleto”. Em nenhum dos casos estes reúnem as condições para um posicionamento autónomo, capaz de

convidar sem impor, existir sem exigir: as condições que só uma posição ao mesmo tempo “aberta” e “completa” poderiam proporcionar de modo justo. A criação que tem como único amparo e legitimação a “intencionalidade do autor” tem pouca chance de operar, deste modo, como franca e disponível zona de autonomia, ocasião para um encontro possível, ocasião para a co-dependência recíproca. Assim, por mais “bem-intencionados” que estejamos (ou justamente por estarmos), aquilo que oferecemos tende a tomar a forma de um “fragmento independente”, que dispensa o outro ou o interpela como palavra de ordem. Ao outro resta tão somente a hipótese de se posicionar diante desta “oferta sem brechas” ou desta “brecha sem oferta”, em termos de “gosto” ou “não gosto”. E, como costumamos dizer, “gostos não se discutem”, de modo que tendo o gosto como base, há poucas hipóteses de relação.

O afecto não é um gosto: enquanto este se inscreve na lógica do prazer e da satisfação, aquele desdobra-se na lógica do desejo e da inquietação. O gosto organiza-se em resposta, o afecto desorganiza-nos em pergunta. O gosto é pessoal; o afecto é transversal e, deste modo, impessoal.

Mas como, então, abrir uma brecha no “esquema da ideia” que nos permita trabalhar com a matéria que nos afecta, e não sobre ela? Como conjurar a ideia, esta resposta que tão rapidamente nos sobrevem e nos põe a repetir sem diferença, com todo o conservadorismo da nossa “liberdade” de indivíduo-autor, nos apartando de sermos muitos e de estar com muitos?

O trabalho a fazer é de “implicação” e não de “explicação”.

O Mapa do O Quê: a etnografia do encontro

“Isso”, quando emerge, é nuvem: agregado de relações de relações que nos interpela à superfície. De tão explícito, é “ób-vio”, afastado e raptado da visão: com ele o mergulho da explicação/ interpretação nada pode. É na superfície, portanto, que precisamos de conseguir permanecer para fazer “com” ele. Enquanto ób-vio emergente, “Isso” é acidente, obstáculo, “relevô” que nos faz parar.

A primeira pergunta que nos ocorre, quando “Isso” nos acontece: “o que é Isto?” Eis a pergunta da ideia, pois quando ela nos sobrevem a nossa tendência é saltarmos de imediato para o plano da resposta. Daí que a nossa proposta é simples, embora de difícil execução:

primeiro, há que substituir este “o que é”, que nos levaria a ir procurar as respostas por trás ou por baixo do que lá está – num suposto significado implícito a ser explicado – por um outro género de interrogação, que nos permita tactear os relevos que se “apresentam”, ao invés de mergulhar nas suposições daquilo que eles poderiam “representar”. Ao invés do ser, o haver: “o que há n’Isso, o que Isso tem, o que, n’Isso, inquieta?”

Ao invés de mergulhar, navegar. Re-perguntar, reformular a pergunta, mas seguir não respondendo: eis a brecha para um trabalho que nos permite continuar no “explícito”, que navegue na superfície do ób-vio sem evidenciá-lo. Trabalho de mapas, trabalho etnográfico, trabalho de reparagem. O jogo do “como não ter uma ideia?” opera numa sequência, mais uma vez espiralada, de mapa-navegação-mapa-navegação.

E como é que isso funciona? Se o nosso primeiro mapa a desenhar é um Mapa do O Quê, esta é exatamente a pergunta a não responder. Fazer o Mapa do O Quê consiste em “circunscrevê-lo” perguntando “como” e “onde-quando”: “Como Isso me encontrou? Onde-quando Isso me encontrou?”

Explorar estas duas perguntas não envolve um trabalho explicativo nem interpretativo, mas descritivo. Envolve uma plena disponibilidade para “receber” o evento, para investigar as condições nas quais Isso “se deu”, se ofereceu a nós. Trabalho que se situa no próprio evento como meio, território de relevos a serem re-percorridos de modo a serem circunscritos. O Mapa do O Quê tem sobretudo a responsabilidade de preservar o Isso na sua condição de “nuvem-agregado”, de “envelope”, “dobra”, “origami”. Afinal, Isso só nos convoca porque é mesmo esta forma-força autónoma, aberta e completa como um origami: aberta, na medida em que se sustenta nas suas próprias dobras, sem cola; completa, na medida em se nos apresenta numa forma concreta, a destas dobras. Mapear o quê esta dobradura traz consigo é trabalho que se faz nas bordas: circunscção de uma instância ou campo de forças e não a inscrição de uma substância ou campo de significado. Ao nos implicarmos na descrição do próprio evento de emergência do Isso enquanto singularidade irrepitível, no manuseamento de uma circunscção minuciosa do seu modo de irrupção, não fazemos outra coisa que não seja um relato de campo. Para dizer com palavras o campo de forças do Isso, o Mapa do O Quê usa da linguagem – a mesma que costumamos nos servir para dizer a ideia – de um modo bastante particular.

"giving". For affects are encounters: they are, at once, the most intimate and foreign that we have. We do not choose our affects: they find us. In that sense they are also accidents that interrupt us from time to time, in the form of concerns – concerns that trigger what we call a creative process.

The problem is that once concerns emerge, our tendency is to drift away from them – instead of doing "with" them. Once they emerge, we perceive them and assimilate them as ideas. In other words, we hardly give ourselves the opportunity to live with "That" in its ineffable condition: we often already experience it via our clichés; we already experience it as a deciphered "This". We cannot handle uncertainty long enough to inhibit our habits of deciphering, saying, diagnosing, interpreting, knowing – and that is how we disable the possibility of having the very concerns that affect us telling us "what they taste like". Turned into inspiration, idealization or model, they sustain our "intention". No longer in possession of affect but of "intention", our creative process takes the path of representation: a work "on" the "implicit" idea and not an artefact "with" the "explicit" affect. Worse still: in possession of an "intention", we can no longer notice the "inclination" of the affect-ground, in the direction-sense towards which it tends and to which it invites us. We are already, as soon as possible, deep in deciphering the personal meaning-sense that the concern awakens in us. We are already, as soon as possible, in a journey of "biographical illusion", working to produce an "effect" from that affect, which we soon take as a "cause". The problem is that personal criteria of intention only allow the "work" to function as an occasion of sharing by a happy coincidence, since they inscribe it in the constellation of individual codes and meanings of the one who makes it. So that what can emerge as a First Position is a "closed" and "complete" fragment or, at best, "open" because "incomplete". In none of the cases do we have conditions for an autonomous positioning, able to invite without imposing, to exist without demanding: conditions that only a position at once "open" and "complete" could fairly provide. A creation whose support and legitimation are exclusively predicated on the "author's intentionality" has thus little chance to operate as an open and available autonomy area, as an occasion for a possible encounter, an occasion for reciprocal co-dependence. So, as "well-intentioned" as we may be (or precisely because we are), what we offer tends to take the form of an "independent fragment", which dismisses the other or

addresses her with a watchword. The other is left with the option to position herself towards an "offer with no gaps" or a "gap with no offer", in terms of "like" or "dislike". "To each her own (taste)", as we often say, yet drawing from personal taste there are little chances that relations emerge.

Affect is not taste: while the latter is inscribed in the logic of pleasure and satisfaction, the first unfolds in the logic of desire and concern. Taste is organised as a response; affect disorganises us in the form of a question. Taste is personal; affect is transversal and therefore impersonal. But how, then, to open a breach in the "scheme of the idea", that would allow us to work with the matter that affects us, and not about it? How to conjure the idea, this answer that comes to us so fast and has us repeating with no difference, with all the conservatism of our author-individual "freedom", preventing us from being many and from being with many? The work to do is one of "implication", not one of "explanation".

The Map of What: the ethnography of encounter

When it emerges, "That" is a cloud: an aggregate of relations of relations that addresses us on the surface. So explicit that it is "ob-vious", it is pushed away and kidnapped from vision: in face of it, plunging in explanation/interpretation is helpless. It is therefore on the surface that we have to remain, in order to do "with" it. As an emerging ob-vious, "That" is an accident, an obstacle, a "relief" that makes us stop.

The first question that comes to mind when "That" happens to us: "what is This?" is the question of the idea, because when it comes to us our tendency is to jump right away to the response plane. Hence our proposal is simple, but difficult to apply: first, we have to replace the "what is", which would make us look for the answers behind or underneath what is there – in a supposedly implied meaning to be explained – by another kind of question, that enables us to feel our way along the reliefs that "present" themselves, rather than delving into the assumptions of what they could "represent". Instead of being, having: "what is in That; what does That have; what concerns us in That?" Navigate, instead of plunging. Re-ask, reformulate the question, but go on not answering: this is the opening for a work that allows us to remain in the "explicit", that can navigate on the surface of the ob-vious without looking for evidence of it. A mapping work, an ethnographic work, a spotting work. The game of

"how not to have an idea?" operates in a sequence, once again a spiralled one: map-navigation-map-navigation. How does that work? If the first map to be drawn is a map of What, this is exactly the question to be left unanswered. To make the Map of What amounts to "circumscribing it", asking "how" and "where-when": "How has That found me? Where-when has That found me?" Exploring these two questions does not require an explanatory or interpretive work, but a descriptive one. It requires a complete willingness to "receive" the event, to investigate the conditions under which it "was given", offering itself to us. Such work takes place in the very event as milieu, a territory of reliefs that have to be crossed again, so as to be circumscribed. The Map of What has the particular responsibility of preserving that in its condition of "aggregate-cloud", of "envelope", "fold", "origami". After all, That can only summon us because it is such an autonomous form-force, open and complete as an origami: open, in the sense that it is based on its own folds, without glue; complete in the sense that it presents to us in a concrete form – the form of its folds. Mapping what this folding brings about is a work to be done on the borders: the circumscription of an instance or force field, and not the inscription of a substance or field of meaning. As we engage in the description of the very event of the emergence of That as unrepeatable singularity, in handling a minute circumscription of its mode of eruption, we do nothing else than a field account. In order to put into words the force field of That, the Map of What uses language – the same we commonly use to tell an idea – in a quite particular way. Like this we arrive at a "minimum sentence", a "tension-phrase" capable of describing That in the form of an "operation". In this way we do not exactly describe the affect separated from the subject, but the relation between them, the de-scission that makes them one and, out of that one, many. To achieve this minimal description with accuracy gives us access to what That can and to what we can do with It. Working on the borders of the fold, circumscribing the surroundings of the encounter with That, we transform the "form" into a "formulation", conjuring away the possibility to set what That "is" in order to concentrate ourselves on what It "does" and on "how It makes us". Hence this formulation results in the description of an operation. This operation, in its turn, works as a "task". In this way we leave the Map of What not with something to know, but with

Chegamos assim a uma “sentença mínima”, a uma “frase-tensão” capaz de descrever o Isso sob a forma de uma “operação”. Deste modo, descrevemos não propriamente o afecto separado do sujeito, mas a relação entre eles, a decisão que faz de ambos um, e desse um, muitos.

Atingir com precisão esta descrição mínima dá-nos acesso ao que Isso pode e ao que podemos fazer com Isso. Trabalhando nas bordas da dobra, circunscrevendo o entorno do encontro com Isso, transformamos a “forma” em “formulação”, conjurando a hipótese de fixarmos o que Isso “é”, para nos ocuparmos no que Isso “faz” e no “como isso nos faz”. Esta formulação, portanto, resulta no descrever de uma operação. E esta operação, por sua vez, serve-nos como “tarefa”.

Deste modo, saímos do Mapa do O Quê não com algo a saber, mas com algo a fazer. Voltamos, assim, a estar prontos para a navegação.

Mas como navegar no Mapa do O Quê? Como efetuar a tarefa? Como operacionalizar o Isso em artefacto? A emergência mesma desta pergunta funciona como sinal de que demos início a um novo ciclo da espiral e estamos já em pleno trabalho topográfico de mapeamento do Como.

O Mapa do Como: o artefacto do encontro

Do mesmo modo que o fizemos com o primeiro mapa, neste segundo mapa – o Mapa do Como – a tática será também desviarmo-nos da resposta. Uma vez clarificada a operação que nos transporta para uma tarefa de criação, temos de ter o cuidado de não nos anteciparmos em decidir como a executaremos, ou logo nos veremos devolvidos ao modo operativo da manipulação e separados da oportunidade de manusear. Portanto, mal a questão do “como executar” emerge, o nosso compromisso é distraí-la e distrairmo-nos outra vez do “eu”. À pergunta “como”, voltar a perguntar “o quê” e “onde-quando”: “O que tenho para trabalhar? Com o que posso efetuar esta tarefa? Onde situá-la, em qual interface? Quando executá-la, qual a sua temporalidade?” Estas perguntas dirigem-nos para um lidar com a concretude mesma do artesanato enquanto este se efetua. Mas só podemos perguntá-las honestamente, disponíveis, se não soubermos de antemão um como-fazer que já carregue consigo as suas premissas em termos de técnicas e modos, por um lado, e em termos de materialidades, “suportes” e espaços-tempos específicos, por outro. Ou seja,

fazer o Mapa do Como acontece somente na medida em que somos capazes de interrogar o que “convém” à própria operação a fim de executá-la.

Viver e habitar com franqueza o Mapa do Como só é possível se, no terreno e com ele, nos dispusermos a descobrir, a cada vez, os materiais a serem acionados (palavra, corpo, imagem etc.), onde os vamos situar (em qual gênero de dispositivo espacial ou em qual interface) e qual sua temporalidade (a do instante, a da duração, qual duração etc.)

O Mapa do Quando-Onde: a retribuição do encontro

Chegando aqui, não há muito mais a dizer. Estamos em plena navegação sem ideias, no corpo-a-corpo da mistura com o que temos e com o que nos têm. Eis o nosso terceiro mapa, fator de situação: o Mapa do Quando-Onde que consiste na própria tomada de posição do artefacto como espaço-tempo no qual “co-incidem” e se impessoalizam os nossos afectos e tudo o que ainda lhes é alheio. Eis uma Terceira Posição que é também Primeira, um retribuir que é também um dar, a convidar o outro e o entorno a receber e a inaugurar, uma e outra vez, o jogo do viver juntos.

something to do. We are thus ready for navigation again. But how to navigate in the Map of What? How to perform the task? How to operationalize That into an artefact? The very emergence of this question works as a sign that we have started a new cycle of the spiral and that we have already fully entered the topographic work of mapping the How.

The Map of How: the artefact of encounter

Just as we did with the first map, in this second map – the Map of How – the tactic will also be about turning away from the answer. Once the operation that leads us to a creation task is clarified, we have to be careful not to anticipate the decision of how we will execute it; otherwise we will soon get back to the operating mode of manipulation, separated from the opportunity to handle. So, as soon as the question of “how to execute” emerges, our commitment is both to distract it and distract ourselves again from the “I”. To the question “how to”, ask again “what” and “where-when”: “What do I have to work? With what can I perform this task? Where can I situate it; on which interface? When can I execute it, what is its temporality?”

These questions lead us to dealing with the very concreteness of the handicraft as it is performed. But we can only ask them honestly, be available to them, if we do not know the way to do it beforehand, a way that already conveys assumptions in terms of techniques and methods, as well as in terms of materiality, “mediums” and specific space times. In other words, the Map of How can only be done if we are able to question what “suits” the very operation so that we can execute it. To frankly live and inhabit the Map of How is only possible if we are willing to find – every time, on and with the ground – the materials to be triggered (word, body, image, etc.), where to situate

them (in what kind of spatial device or interface) and what is its temporality (that of the instant, of duration, which duration, etc.).

The Map of When-Where: the redistribution of the encounter

At this point, there is not much more to say. We are fully in navigation without ideas, in the body-to-body of the merging with what we have and what has us. This is our third map, the situation factor: the Map of When-Where consists in the very position taking by the artefact as a space-time in which our affects get impersonal and “co-incide” with everything that is still alien to them. Here is a Third Position that is also the First, a return that is also a giving, inviting the other and the environment to receive and inaugurate, again and again, the game of living together.

Modo Operativo AND en 10 posiciones

1. Las reglas de este juego emergen del propio jugar. Condición para encontrarlas: a) inhibir el hábito de querer entender, de intentar comprender, de juzgar saber; b) activar la sensibilidad de "saborear", esto es, dejar que sea el acontecimiento el que manifieste lo que sabe. En una frase: sustituir el "saber" por el "sabor".
2. El juego comienza cuando lo inesperado irrumpe. Cuando ocurre un accidente. Ante el vacío que se instala: hacer nada. "Hacer nada" no es parar –estancar, paralizar- pero si re-parar, volver a parar para reparar.
3. Mientras "hace nada", repare donde está, en lo que hay alrededor, en el "Qué" de aquello que se presenta – este "eso" innombrable que el accidente manifiesta, cada vez, como "esto" singular. Repare también en aquello que tenga para ofrecer, en tanto esto encaje en el acontecimiento
4. El único objetivo de este juego es conseguir transferir el protagonismo del sujeto al acontecimiento. Esa transferencia se da sustituyendo las preguntas habituales del sujeto – quién y por qué- por los interrogantes que el acontecimiento coloca: qué, cómo, dónde y cuándo. Pregunte a la situación que se ofrece: el Qué, de lo que ahí está? Cómo, con este qué? Dónde y cuándo, con este cómo?
5. Para participar el juego, no intente contribuir teniendo un fin en mente y mucho menos con un inicio como punto de partida. Este juego comienza siempre por el medio.
6. Las reglas son encontradas después de un mínimo de 3 posiciones tomadas y 2 entradas en relación. a) La primera posición ofrece el medio en el cuál reparar; b) La segunda posición entra en relación con la materia ofrecida por la primera, sugiriendo una dirección; c) La tercera posición entra en relación con la relación sugerida por la segunda, confirmando una dirección compartida, un plano común.
7. Una vez encontrado el plano común (un sentido-dirección y no un sentido-significado) jugar el juego es posponer el fin. Única tarea: sostener la vitalidad de ese plano a través del manejo de las dosis de diferencia y repetición introducidas en la relación a cada momento. Condiciones para posponer el fin: aceptar el fin y anticipar el fin. Aceptar la "finitud", de modo a trabajar para lo "ilimitado"; anticipar las señales de "finitud", con el fin de utilizarlos en el manejo de lo "ilimitado".
8. Este es un juego de preguntas silenciosas: cada jugada es ofrecida y recibida sin respuesta, explicación o interpretación. Para que las tomadas de posición puedan prescindir de justificaciones, precisan ser, al mismo tiempo: abiertas y completas (y no cerradas e incompletas) y explícitas y consistentes (y no implícitas y coherentes).
9. El juego AND, si se juega de acuerdo a los principios establecidos en este documento, no se acaba nunca. A menos que sea interrumpido por un accidente.
10. En ese caso, pare, repare y vuelva a jugar.

Modo Operativo AND em 10 posições

1. As "regras" deste jogo emergem do próprio jogar. Condição para as encontrar: a) inibir o hábito de querer perceber, de tentar compreender, de julgar saber; b) ativar a sensibilidade do "saborear", isto é, deixar que seja o acontecimento a manifestar ao que sabe. Numa frase: substituir o "saber" pelo "sabor".
2. O jogo começa quando o inesperado irrompe. Quando dá um acidente. Perante o vazio que se instala: fazer nada. "Fazer nada" não é parar – estacar, paralisar – mas sim re-parar, ou seja, voltar a parar para reparar.
3. Enquanto "faz nada", repare onde está, no que há à volta, no "Quê" daquilo que se apresenta – este "Isso" inominável que o acidente manifesta, a cada vez, como "Isto" singular. Repare também naquilo que tem para oferecer, na condição de se encaixar no acontecimento.
4. A haver um único objetivo neste jogo é conseguir a transferência do protagonismo do sujeito para o acontecimento. Essa transferência dá-se substituindo as perguntas habituais do sujeito - quem e porquê - com as interrogações que o acontecimento nos coloca: o quê, como, onde e quando. Pergunte à situação que se apresenta: O quê, no que aí está? Como, com este quê? Onde-quando, com este como?
5. Para participar no jogo, não tente contribuir tendo um fim em mente e muito menos tendo o início como ponto de partida. Este jogo começa sempre pelo meio.
6. As regras são encontradas após um mínimo de 3 tomadas de posição e 2 entradas em relação: a) A primeira posição oferece o meio no qual reparar; b) A segunda posição entra em relação com a matéria oferecida pela primeira, sugerindo uma direção; c) A terceira posição entra em relação com a relação sugerida pela segunda, confirmando uma direção partilhada, o plano comum.
7. Uma vez encontrado o plano comum – um sentido-direção e não um sentido-significado – jogar o jogo é adiar o fim. Única tarefa: sustentar a vitalidade desse plano através do manuseamento das doses de diferença e repetição introduzidas na relação a cada momento. Condições para se adiar o fim: aceitar o fim e antecipar o fim. Aceitar a "finitude", de modo a trabalhar pela "ilimitude"; antecipar os sinais de "finitude", de modo a usa-los no manusear da "ilimitude".
8. Este é um jogo de perguntas silenciosas: cada jogada é oferecida e recebida sem resposta, explicação ou interpretação. Para que as tomadas de posição possam dispensar justificações, precisam de ser, ao mesmo tempo, abertas e completas (e não fechadas e incompletas) e explícitas e consistentes (e não implícitas e coerentes).
9. O jogo AND, se for jogado segundo os princípios aqui enunciados, nunca termina. A não ser que seja interrompido por um acidente.
10. Nesse caso, pare, repare e volte a jogar.

AND Operative Mode in 10 positions

1. In this game, the "rules" emerge as you play. Conditions to find them: a) inhibit the habit of wanting to understand, trying to figure out, thinking you know; b) activate the sensitivity of "savouring", that is to say, letting the event itself manifest what it tastes like. In a word: replace "knowledge" by "flavour".
2. The game starts when the unexpected bursts in. When an accident occurs. Facing emptiness as it settles down: do nothing. "Doing nothing" is not to stop – to be stuck, paralysed – but to stop again in order to notice.
3. While you "do nothing", notice what is there, what is around, in "What" presents itself – the unspeakable "That" which is manifested by the accident, every time a singular "This". Also notice what you have to offer, in case you suit the event.
4. If there is a goal in this game, it is to transfer the protagonism of the subject to the event. That transfer can happen by replacing the usual questions of the subject – who and why – with the questions that the event addresses us: what, how, where, and when. Ask the situation that presents itself: What, in what is there? How, with this what? Where-when, with this how?
5. To participate in the game, do not try to contribute having an end in mind, and even less having the beginning as a starting point. This game always starts by the middle/milieu.
6. The rules are found after a minimum of 3 position takings and 2 relation activations: a) The first position provides the milieu to be noticed; b) The second position enters in relation with the matter offered by the first, suggesting a direction; c) The third position enters in relation with the relation suggested by the second, confirming a shared direction, the common plane.
7. Once the common plane has been found – a direction-sense and not a meaning-sense –, to play the game is to postpone the end. The only task: to sustain the vitality of that plane by handling the amounts of difference and repetition introduced in the relation, at each moment. Conditions to postpone the end: accept and anticipate the end. Accept "finiteness" in order to work for "limitlessness"; anticipate signs of "finiteness" in order to use them as you handle "limitlessness".
8. This is a game of silent questions: each move is offered and received with no answer, explanation or interpretation. For a position taking to dispense justifications, it has to be at once open and complete (rather than closed and incomplete), and explicit and consistent (rather than implicit and coherent).
9. When played according to the principles set forth herein, the game AND never ends. Unless it is interrupted by an accident.
10. In that case, stop again, notice, and play again.



Notas biográficas

João Fiadeiro e Fernanda Eugénio

João Fiadeiro

Pertenece a la generación de coreógrafos que surgieron en los años 80 y dieron origen a la Nueva Danza Portuguesa. Gran parte de su formación se llevó a cabo entre Lisboa, Nueva York y Berlín. Integró la Compañía de Danza de Lisboa y el Ballet Gulbenkian. En 1990 fundó la Compañía RE.AL, que produjo y difundió sus creaciones y representó coreógrafos y artistas transdisciplinarios, a través del LAB/Proyectos en movimiento. A partir 2008, su atención se volvió hacia el proceso y la investigación en arte, en un cambio de paradigma que reorientó todo el programa de RE.AL. El método de Composición en Tiempo Real, originalmente diseñado como una herramienta para la escritura coreográfica, se convirtió así en una herramienta para repensar la decisión, la (re)presentación y la cooperación, lo que lo llevó a acercarse a los programas científicos y la enseñanza en diversas universidades nacionales e internacionales. En este marco ocurrió el encuentro con Fernanda Eugénio, con quien co-dirige el AND_Lab.

Fernanda Eugénio

Antropóloga e investigadora. Post-doctorada en el Instituto de Ciencias Sociales de la Universidad de Lisboa; Realizó su Maestría y Doctorado en Antropología en el Museo Nacional de la UFRJ. Sus artículos y libros se han dedicado a pensar en los rediseños de la creatividad y de la convivencia, y sus etnografías se enfocaron en situaciones de colaboración/cooperación y en las dinámicas de las relaciones de pareja y amistad. En Río de Janeiro, durante diez años, trabajó como profesora e investigadora asociada en el Centro de Estudios Sociales Aplicados (CESAP) y en la PUC-Rio. Se graduó también en performance y danza y pasó a desarrollar un trabajo singular acerca de la co-relación entre Antropología y Danza, a través de la investigación de los usos de la etnografía como herramienta para crear paisajes comunes. Sus proposiciones site-specifics y performances invisibles en la ciudad a partir recorridos y parajes fueron recibidos en eventos, festivales y escuelas de danza de diferentes ciudades de Brasil. Hace cuatro años colabora con João Fiadeiro. Desde 2011, vive en Lisboa y co-dirige el AND_Lab.



CERTEZA → CONFIANÇA
ABUSO → USO
EXPECTATIVA → ESPERA
QUEIXA → EMPENHO
ACUSAÇÃO → PARTICIPAÇÃO
RIGIDEZ → RIGOR
COMPETIÇÃO → COOPERAÇÃO
ESCAPE → COMPARÊNCIA
EFICIÊNCIA → SUFICIÊNCIA
NECESSÁRIO → PRECISO
CONDICIONAMENTO → CONDIÇÃO
PODER → FORÇA
MANIPULAÇÃO → MANUSEAMENTO
DESCARAR → REPARAR

João Fiadeiro

Pertence à geração de coreógrafos que emergiu no final dos anos 80 dando origem à Nova Dança Portuguesa. Grande parte da sua formação foi realizada entre Lisboa, Nova Iorque e Berlim. Integrou a Cia. de Dança de Lisboa e o Ballet Gulbenkian. Em 1990 fundou a Companhia RE.AL, que produziu e difundiu as suas criações e representou coreógrafos emergentes e artistas transdisciplinares no âmbito do LAB/Projectos em movimento. Em 2008 transferiu o foco para o processo e a para a investigação em arte, numa mudança de paradigma que reorientou todo o programa da RE.AL. O método da Composição em Tempo Real, inicialmente desenhado como instrumento de escrita coreográfica, converteu-se numa ferramenta transversal para repensar a decisão, a (re)apresentação e a cooperação, levando-o a aproximar-se das ciências e a lecionar em programas de diversas universidades nacionais e internacionais. Neste quadro deu-se o encontro com Fernanda Eugénio, com quem co-dirige o AND_Lab.

Fernanda Eugénio

Antropóloga, performer e investigadora. Pós-Doutora pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Doutora e Mestre em Antropologia pelo Museu Nacional UFRJ. Seus artigos e livros têm-se dedicado a pensar os redesenhos da criatividade e da convivência e em suas etnografias acompanhou situações de colaboração/cooperação e dinâmicas de relacionamentos íntimos e de amizade. Por dez anos, trabalhou como Pesquisadora Associada e Professora Titular e Adjunta no Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESAP, Rio de Janeiro) e na PUC-Rio. Ao longo deste tempo, formou-se também em Performance e Dança e passou a desenvolver um trabalho singular na co-relação Antropologia e Dança, investigando usos da etnografia como ferramenta para a criação colectiva de paisagens comuns. Suas proposições site-specifics, performances invisíveis, deambulações e paragens foram acolhidas em eventos, festivais e escolas de dança de diversas cidades do Brasil. Há quatro anos colabora com João Fiadeiro. Desde 2011, vive em Lisboa e co-dirige o AND_Lab. 